

**A TRADUÇÃO TÉCNICA E OS FATORES  
QUE PROMOVEM O SEU ÊXITO**

**Sara Patrícia Melo Soares**

Relatório Final de Estágio Profissional apresentado à Escola Superior de Educação de  
Bragança para obtenção do Grau de Mestre em Tradução

Orientado por

**Isabel Chumbo**

**Bragança**

**Dezembro 2022**



**A TRADUÇÃO TÉCNICA E OS FATORES  
QUE PROMOVEM O SEU ÊXITO**

**Sara Patrícia Melo Soares**

Relatório Final de Estágio Profissional apresentado à Escola Superior de Educação de  
Bragança para obtenção do Grau de Mestre em Tradução

Orientado por

**Isabel Chumbo**

**Bragança**

**Dezembro 2022**

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar gostaria de agradecer aos meus pais e aos meus irmãos, por nunca me terem deixado desistir e por terem acreditado em mim, incentivando-me sempre a continuar a estudar

Gostaria de agradecer à minha orientadora de estágio, a Professora Isabel Chumbo, pela orientação, disponibilidade e pelos conhecimentos transmitidos ao longo deste processo de crescimento profissional e pessoal em contexto de estágio que culminou com a elaboração deste relatório.

Gostaria também de agradecer à Certas Palavras, Lda. pela oportunidade de ter sido estagiária na empresa.

Queria agradecer à Cláudia Inês e à Joana Magalhães por terem partilhado comigo a vida académica nestes últimos seis anos e por terem puxado por mim sempre que ponderei em desistir.

Finalmente, gostaria de agradecer a mim mesma, porque sei como este último ano foi difícil para mim, envolvendo muitos erros e aprendizagem. Sinto orgulho em saber que cresci não só fisicamente, mas também mentalmente e em reconhecer o meu valor.

## **Resumo**

A tradução tem assumindo um papel muito importante na sociedade moderna, uma vez que permite a partilha de ideias, conhecimentos, valores e uma variedade de informação entre diferentes culturas. Este papel também é fundamental para os avanços científicos, bem como tecnológicos, especialmente na era de conhecimento, onde existe uma forte procura de vários tipos de tradução, entre os quais a tradução técnica. Estes avanços marcaram a transição das traduções que eram feitas em ‘papel e com caneta’ para o trabalho com recurso às tecnologias de tradução assistida. Na tradução técnica esta transição trouxe maior legitimidade às traduções por ter contribuído para a rapidez de execução do trabalho e consequentemente uma maior produtividade, mais em consonância com as exigências atuais do mercado.

Mais do que conhecer muitas línguas, o tradutor deve saber escrever, ou seja, saber transferir a informação de uma língua para outra, tendo em conta o estilo e as normas da cultura de chegada e da especificidade do texto. Na tradução técnica não é diferente, embora esteja associada a um tipo de tradução no qual a linguagem é mais objetiva e desprovida de criatividade, quando em contraponto com a tradução literária ou publicitária.

Este relatório divide-se em duas partes, sendo a primeira o enquadramento teórico, onde serão abordados aspetos relacionados com a tradução técnica, tais como, o que a distingue da tradução científica, o papel das tecnologias na tradução técnica, as suas dificuldades, alguns conceitos erróneos, os fatores que promovem o seu sucesso e também se existe criatividade na tradução técnica. A segunda parte é dedicada à descrição das tarefas realizadas no decorrer do estágio, nomeadamente à tradução e à revisão de textos, à preparação de documentos a traduzir em memoQ e também à transcrição, reflexão crítica e conclusão.

**Palavras-chave:** tradução técnica, tradução científica, tecnologias, criatividade.

## **Abstract**

In modern society, translation has assumed a crucial role as it enables the sharing of ideas, knowledge, values and a diversity of information among different cultures. This role is also crucial for scientific as well as technological advances, especially in the knowledge age, where there is a strong demand for various types of translation, including technical translation. These advances have changed the paradigm from hand-made translations to a context with computer-aided translation technologies. In technical translation this transition brought legitimacy to translations, thus having contributed to celerity and a consequent higher productivity, in accordance with current market demands.

More than knowing many languages, the translators themselves must know how to write, that is, being able to transfer information from one language to another, bearing in mind the style and conventions of the target culture. As such, technical translation is not any different, although it is associated with a type of translation in which language is more objective and bereft of creativity.

The report is divided into two parts, the first being the theoretical framework, where issues related to technical translation will be addressed, such as what differentiates it from scientific translation, the role of technology in technical translation, its difficulties, some misconceptions, the factors that promote its success and whether there is such thing as creativity in technical translation. The second part is devoted to describing the tasks performed during the internship, namely the translation and revision of texts, the preparation of documents to be translated in memoQ, transcriptions, followed by a critical reflection and conclusion.

**Keywords:** technical translation, scientific translation, technologies, creativity.

## **Resumen**

En la sociedad moderna actual, la traducción ha asumido un papel imprescindible, pues permite compartir ideas, conocimientos, valores y una gran variedad de información entre las diferentes culturas. Este papel también es esencial para los avances científicos y tecnológicos, especialmente en la era del conocimiento, donde existe una gran demanda de diversos tipos de traducción, incluso de traducción técnica. Estos avances marcaron la transición de las traducciones que se hacían a mano a las tecnologías de traducción asistida. En la traducción técnica, esta transición ha proporcionado una mayor legitimidad a las traducciones, ya que ha contribuido a la rapidez de ejecución del trabajo y, por consiguiente, a una mayor productividad en línea con las exigencias actuales del mercado.

Pero más que saber muchas lenguas, hay que saber escribir, es decir, los traductores deberán ser capaces de transferir información de una lengua a otra, respetando el estilo y las convenciones de la cultura de llegada. La traducción técnica no es muy diferente, aunque se asocia a un tipo de traducción que su lenguaje es más objetivo y está exento de creatividad.

Esta memoria se divide en dos partes, la primera es la contextualización teórica, dónde se van a abordar puntos relacionados con la traducción técnica como, por ejemplo, lo que la diferencia de la traducción científica, el papel de las tecnologías en la traducción técnica, sus dificultades, los conceptos erróneos, los factores que favorecen su éxito y también si existe creatividad en la traducción técnica. La segunda parte se dedica a describir las tareas realizadas durante las prácticas, a saber, la traducción y la revisión de textos, la preparación de documentos a traducir en memoQ, la transcripción, la reflexión crítica y por último la conclusión.

**Palabras clave:** traducción técnica, traducción científica, tecnologías, creatividad.

# Índice

Agradecimentos .....	iv
Resumo .....	v
Abstract.....	vi
Resumen .....	vii
Índice de tabelas .....	x
Índice de figuras .....	xi
Lista de Siglas.....	xii
Introdução.....	1
1. A tradução técnica.....	4
1.1. A diferença entre tradução técnica e tradução científica.....	17
1.2. A tradução técnica e as tecnologias.....	22
1.3. Dificuldades da tradução técnica.....	28
1.4. Fatores que promovem o êxito da tradução técnica .....	33
1.4.1. Competências do tradutor .....	33
1.4.2. Formação do tradutor.....	38
1.4.3. O mercado português .....	43
2. A criatividade .....	46
3. Apresentação da instituição de acolhimento .....	52
4. Tarefas realizadas durante o estágio.....	53
4.1. Tradução .....	55
4.2. Revisão .....	59

4.3. Formatação .....	62
4.4. Transcrição .....	65
5. Reflexão crítica .....	68
Conclusão .....	73
Referências bibliográficas .....	75
Apêndices .....	82

## Índice de tabelas

Tabela 1 – Tarefas realizadas por tipologia.....	55
Tabela 2 – Traduções realizadas .....	55
Tabela 3 – Exemplo de <i>Spell Check</i> .....	56
Tabela 4 – Exemplos de erros de tradução.....	57
Tabela 5 – Exemplo 2 de erros de tradução .....	59
Tabela 6 – Exemplo de <i>Track Changes</i> .....	60
Tabela 7 – Exemplo (1) de revisões .....	60
Tabela 8 – Exemplo (2) de revisões .....	61
Tabela 9 – Exemplo de logótipo .....	63
Tabela 10 – Exemplo de gráfico .....	63
Tabela 11 – Exemplos de erros ortográficos a manter .....	64
Tabela 12 – Exemplos de problemas com o OCR.....	64
Tabela 13 – Erros da transcrição .....	67

## Índice de figuras

Figura 1 – Limite definido pelo tradutor .....	25
Figura 2 – Exemplo de <i>Exact match</i> .....	26
Figura 3 – Exemplo de <i>Fuzzy match</i> .....	26
Figura 4 - Exemplo de <i>Context match</i> .....	27

## **Lista de Siglas**

BITRA - *Bibliography of Interpreting and Translation*

HTML – *Hypertext Markup Language*

IATE – *Interactive Terminology for Europe*

ISO – *International Organization for Standardization*

LSP – *Language Service Provider*

NWU – *National Writers' Union*

OCR – *Optical Character Recognition*

QR – *Quality Assurance*

RAE – *Real Academia Española*

RTF – *Rich Text Format*

TAC – *Tradução assistida por computador*

## **Introdução**

No mundo em que vivemos, é possível encontrar tecnologia em todo o lado. As novas tecnologias têm permitido à humanidade comunicar mais rápida e eficazmente, assim como espalhar informação de forma fácil. No entanto, grande parte da informação surge em diversas línguas, com uma elevada prevalência do inglês, que é considerada uma língua franca, pelo que para divulgar esta informação, são necessários serviços de tradução, sendo a tradução técnica um desses serviços. Uma vez que a tradução de qualquer documento técnico é um elemento fundamental para o sucesso de uma empresa ou produto, é necessário que os tradutores sejam precisos na forma como este tipo de documento é traduzido, uma vez que a tradução técnica deve ser objetiva, de modo a produzir um texto que seja eficaz e que cumpra a função desejada. A evolução das tecnologias, ainda trouxe as ferramentas de tradução assistida por computador (TAC) para auxiliar os tradutores a rentabilizar o seu trabalho.

De uma forma genérica pode afirmar-se que a tradução técnica é um tipo de tradução especializada que consiste na tradução de documentos que são produzidos por escritores técnicos (Byrne, 2006, p. 4). Estes documentos incluem textos como manuais do utilizador, especificações técnicas e brochuras especializadas, entre outros. Está também ligada a áreas tecnológicas ou textos sobre a aplicação do conhecimento tecnológico e científico.

No entanto, a tradução técnica nem sempre teve grande destaque no campo da tradução, ao contrário da tradução literária que era considerada mais criativa e complexa (Aixelá, 2004, p. 29). Com este relatório pretendo descrever a origem da tradução técnica e a sua evolução no decorrer do tempo, desmitificando o pensamento de que se trata de uma tradução simples, onde o fator predominante é o conhecimento da terminologia de uma dada área. Também tenciono abordar a questão de que a tradução técnica, ao

contrário da tradução literária, não exige criatividade do tradutor por seguir o propósito de apresentar a informação de uma maneira mais clara e direta. Para além disso, apresentarei ainda as competências do tradutor, a sua formação e a situação do mercado português.

Este relatório está dividido em duas partes. A primeira parte centrar-se-á num breve enquadramento teórico sobre a tradução técnica, a distinção entre tradução técnica e científica, uma vez que estas são frequentemente confundidas, e como a tecnologia tem contribuído para a melhoria da tradução técnica. Vou também apresentar as dificuldades que existem nesta área, os conceitos erróneos que foram formados em relação à tradução técnica, bem como os fatores que promovem o seu êxito.

A segunda parte do relatório refere-se à minha experiência no contexto do estágio, na qual, além da apresentação da empresa, descreverei as tarefas que realizei e, no final, além da conclusão, realizarei uma apreciação crítica.

## **I. Enquadramento Teórico**

## **1. A tradução técnica**

O conhecimento científico e tecnológico sempre foi de grande valor ao longo da história e o papel que a tradução tem desempenhado como meio de divulgação desta informação tem permitido à sociedade desenvolver-se e fazer progressos tanto na ciência como na tecnologia. Este valor tem aumentado cada vez mais devido à era em que nos encontramos, que é a era da sociedade de informação, onde há muita procura de informação e, conseqüentemente, de tradução. No entanto, sempre existiu uma percepção negativa quanto à importância e complexidade da tradução técnica, segundo a qual bastava dominar a terminologia de uma área específica para poder traduzir um texto técnico (Byrne, 2009).

A tradução é muitas vezes levada a incluir traduções realizadas em áreas como direito, religião, política, entre outros. Mesmo na literatura dos estudos de tradução é frequente a tradução técnica e tradução especializada serem tratadas como sinónimas (Postolea, 2016, p. 54), o que não deixa de ser um dado interessante.

Aguado & Álvarez de Mon y Rego (2004) fornecem a seguinte definição de tradução técnica: “technical translation refers to the process of translating those texts belonging to what are called specialized languages and is usually classified along with other varieties such as legal translation, scientific translation or the translation of medical texts” (pp. 358-359).

Embora todos estes tipos de tradução estejam integrados na tradução especializada, Newmark (1988) ressalta a necessidade de separar a tradução técnica de outros tipos de tradução:

“Technical translation is one part of specialised translation; institutional translation, the area of politics, commerce, finance, government etc, is the other” (1988, p. 151).

Devido à natureza semelhante da tradução técnica e tradução especializada é necessário que haja também uma distinção entre as mesmas. Gouadec (2007), em *Translation as a profession*, divide a tradução em duas categorias nomeadamente a tradução geral e a tradução especializada. O autor refere-se à tradução geral como a tradução de documentos e materiais que não pertencem a nenhum tipo ou área de especialidade, o que não implica um processo de tradução específico ou uso de equipamento que não seja o computador e processador de texto, como é caso da tradução de cartas, biografias, livros de cozinha, brochuras, artigos de imprensa (revistas ou jornais), guias do utilizador. Os tradutores generalistas trabalham com qualquer material que vai desde obras de não-ficção (mas não literatura, porque existe um tipo de tradução para tal) até documentos mais ou menos técnicos:

Generalist translators translate documents and materials which cannot be labelled as belonging to a particular type and do not normally require a high degree of specialist or technical knowledge. The generalist translator usually touches on “all kinds of subject areas”, has a “whole range of clients” and rarely deals with large-scale translation projects. (Gouadec, 2007, p. 27)

A tradução técnica, por sua vez, é definida como a tradução de documentos que:

- (1) refer to a highly specialised field or domain (e.g. law, finance, computer science, telecommunications, etc.)
- (2) and/or are of a particular type,
- (3) and/or are targeted at a particular audience or public through specific dissemination channels and/or are used by specialists in specific circumstances,

(4) and/or are embedded in a particular medium (e.g. multimedia technology, film, video, ICT, etc.) therefore calling for the use of special procedures, tools and protocols and leading to the emergence of new specialisms or even jobs. (Gouadec, 2007, p. 28)

Byrne (2009) afirma que durante muito tempo a tradução técnica foi considerada o ‘patinho feio’ do campo da tradução, uma vez que era considerado pouco mais do que um exercício de terminologia especializada e conhecimento sobre um assunto e também porque a tradução literária no decorrer da história da tradução sempre foi vista como superior principalmente com a tradução de uma das obras mais conhecidas, a Bíblia (p. 2). Em contrapartida, a tradução técnica aparentava necessitar apenas de bons profissionais técnicos que dominassem a terminologia. Autores clássicos como Schleiermacher negaram o título de tradutor àqueles que lidavam com textos não literários ou de alto nível académico, tais como textos religiosos e filosóficos (Aixelá, 2004, p. 29).

Postolea (2016) explica que a falta de interesse que advém dos aspetos não literários da tradução tem fomentado o surgimento parcial e estereotipado da tradução especializada (p. 53). Segundo a autora:

Whereas the translation of literature has always been associated with high levels of creativity and certain liberties taken from the source text, specialised translation was allotted an inherently lower status and deemed to be “easier”, “restricted”, “machine-like” and even “humdrum” (Postolea, 2016, p. 53).

Por sua vez, Schubert (2010) afirma que mesmo na área dos Estudos de Tradução, a tradução técnica, desde o início, esteve presente entre os tópicos a investigar. A origem dos Estudos de Tradução está relacionada com a investigação e desenvolvimento da

tradução automática, em meados do século XX. Ideias como a adoção de métodos linguísticos estruturais (conjunto de requisitos que as estruturas linguísticas devem cumprir), e o interesse pelo género para o qual a tradução automática estava a ser desenvolvida, ou seja, textos especializados, em especial, a tradução técnica, serviram de base para o lançamento desta disciplina (p. 354).

De acordo com um estudo de Aixelá (2004), que se baseia no total de 20 495 publicações encontradas no catálogo pré-1950 do BITRA – *Bibliography of Interpreting and Translation* (uma base de dados bibliográfica sobre a tradução e interpretação, como a própria designação original indica) apenas 1 905, ou 9,3% das mesmas, abordam a tradução técnica, no entanto 4 314 (21%) publicações se referiam à tradução literária. Para explicar melhor estes números Aixelá (2004), analisou o número de entradas em diferentes períodos. Até 1900 foram listadas 259 entradas, mas nenhuma sobre era sobre tradução técnica. De 1900-1950 o número total de entradas é 340, das quais cinco (1,4%) entradas correspondem à tradução técnica, 84 (24,7%) à tradução da Bíblia e 102 (30%) à tradução literária. Após a Segunda Guerra Mundial começa a haver mudanças nos Estudos da Tradução com a abordagem científica da teoria da tradução, originando um aumento das entradas de tradução técnica nos próximos anos, porém mesmo com este crescimento o número de entradas continua a ser inferior ao número de traduções literárias, isto porque a terminologia ainda era considerada o elemento mais complexo deste tipo de tradução.

A Segunda Guerra Mundial marcou um aumento do interesse dos estudiosos pela tradução, cada um com o seu próprio paradigma, modelos e metodologias. Este interesse atraiu académicos de diversos campos, contudo, a situação resultou nalguma confusão porque não existia consenso sobre os tipos de modelos a serem testados, os tipos de métodos a serem aplicados, nem sequer estavam de acordo sobre a denominação deste

novo campo. A razão deste desentendimento deveu-se à ausência de canais de comunicação entre os estudiosos (Holmes, 1972/2000, p. 173).

A tradução foi abordada em várias áreas disciplinares, por vezes linguistas, por vezes estudiosos da literatura, por vezes sociólogos, mas todos muito dispersos. Numa palestra considerada o ponto de partida para a designação de estudos de tradução, Holmes (1972/2000) sugere então a criação de um campo de investigação que se preocuparia precisamente com a tradução. A primeira dificuldade sentida foi na tentativa de encontrar um nome para este campo de pesquisa, sendo que, ao longo dos anos, várias designações ou definições ligadas à tradução e ao traduzir foram testadas (p. 174). Os nomes sugestivos como 'teoria da tradução' e 'ciência da tradução', foram usados por Nida não para descrever toda a disciplina, mas o processo de tradução. No entanto, este último não foi bem aceite, uma vez que o termo ciência não era o mais adequado, especialmente tendo em conta a natureza da literatura. Segundo Holmes, o termo 'estudos' parecia ser mais apropriado para a nomenclatura desta disciplina e por conseguinte a designação 'estudos de tradução' foi considerada a mais adequada e a sua adoção como termo padrão para a disciplina suprimiu uma grande quantidade de mal-entendidos (Holmes, 1972/2000, p. 175).

Os estudos de tradução, como um campo de pesquisa pura, possuem dois objetivos o primeiro sendo descrever os fenómenos de traduzir e tradução(ões) e conforme se manifestam no nosso mundo, e o segundo sendo estabelecer teorias gerais e parciais da tradução que nos permitam explicar e prever estes fenómenos. As teorias gerais de tradução, procuram descrever cada tipo de tradução e fazer generalizações que sejam relevantes para a tradução, enquanto as teorias parciais de tradução foram agrupadas em seis categorias, nomeadamente, restritas ao meio, restritas à área, restritas à categoria,

restritas ao tipo de texto, restritas ao tempo e restritas ao problema (Holmes, 1972/2000, pp. 178-180).

O panorama atual da tradução técnica em termos de mercado mudou significativamente quando comparado com o passado, pois com a evolução da tecnologia e da ciência a tradução técnica tornou-se mais presente na nossa vida quotidiana, logo a produção de textos técnicos também aumentou (Aixelá, 2004, pp. 34-44). Segundo Kingscott (2002), a tradução técnica representa hoje cerca de 90% da produção mundial de textos traduzidos e embora esta percentagem se refira ao ano 2002, acredita-se que ainda hoje esta se mantém, sobretudo se tivermos em conta a rapidez de disseminação da informação na atualidade: “Technical translation is important, for technical and commercial translation does account for well over 90% of the world's translation output” (Kingscott, 2002, p. 247).

A tradução técnica no período pós-guerra, baseou-se na investigação científica, a negociação geopolítica e o intercâmbio económico com o propósito de atrair empresas multinacionais que procuravam expandir-se em mercados estrangeiros. Como resultado, exigiam cada vez mais traduções fluentes e claras de tratados internacionais, contratos jurídicos, informações técnicas e manuais de instruções (Venuti, 1995, p. 41).

Schleiermacher, na sua obra *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, na tradução em português, de José Miranda Justo (1813/2003) apresenta as diferenças entre o intérprete e o tradutor, sendo o intérprete aquele que domina a tradução na área de negócios e o tradutor o que domina a tradução do campo da ciência e arte. Para Schleiermacher, a tradução de textos na área de negócios, que está mais relacionada com a técnica, era vista como uma simples transposição feita de uma língua para outra: “[...] uma tarefa quase apenas mecânica que qualquer um, com moderado conhecimento de ambas as línguas podem executar” (Schleiermacher, 1813/2003, p. 37).

Contradizendo a ideia de Schleiermacher, Byrne (2009) cita Méndez-Cendón que explica que não basta simplesmente apresentar a informação, o texto técnico tem de ser devidamente redigido e estruturado, para que possam ser produzidos textos coerentes e legíveis. Ainda na mesma linha de pensamento, Maia (2003), em “Ensinar como especializar-se” afirma que:

“[...] poucos académicos aceitam o facto de que a tradução não-literária também exige um conhecimento do mundo bastante mais profundo que o ‘simples’ saber línguas e de como usar um glossário especializado” (Maia, 2003, p. 3).

Outros autores como Ortega y Gasset partilharam a mesma opinião que Schleiermacher sobre a tradução técnica. O filósofo, afirma “that translating technical texts was conceivable (whereas translating literary texts was impossible) because technical texts were not written in natural languages but were themselves a kind of translation into a more or less artificial language” (p. 34). Por outras palavras, Ortega y Gasset acreditava que a tradução técnica era fácil e simples em comparação à tradução literária, uma vez que se tratava de uma linguagem artificial, cuja principal característica seria a terminologia:

[...] certain scientific books are easier to translate, [...] the author himself has begun by translating from the authentic tongue in which he ‘lives, moves and has his being’ into a pseudolanguage formed by technical terms, linguistically artificial words which he himself must define in his book. In short, he translates himself from a language into a terminology (Ortega y Gasset, 2000, p. 50).

A terminologia, como especifica Newmark (1988), representa apenas 5-10% de um texto técnico, existem uma serie de questões e fatores tais como comunicação técnica, estilo, tecnologia, terminologia, requisitos legais, criatividade etc. que caracterizam a

produção de informação técnica nos dias de hoje (Byrne, 2009, p. 2), demonstrando assim que o conhecimento terminológico não é ponto de partida mais relevante para este tipo de texto.

No artigo “Technical translation and related disciplines” Kingscott (2002) aborda a necessidade de desenvolvimento de novas disciplinas para a formação do tradutor técnico, uma vez que a tradução técnica requer não só a tradução, mas também conhecimentos sobre os textos técnicos. O desenvolvimento de disciplinas como a escrita técnica ou teoria comunicativa são assim entendidas como uma mais-valia na formação do tradutor técnico, uma vez que lhe permitiria desenvolver as suas capacidades de escrita.

“[...] the translator's job stretches into technical writing, and he should know the subject well enough, and be confident enough of his material, to be able to produce a target-language text to match the expectations of the target language reader” (Kingscott, 2002, p. 250).

Na minha opinião traduzir um texto técnico não é o mesmo que traduzir um texto literário porque ambos têm as suas próprias características. Quando se trata de tradução de texto literário, tais como romances, poemas, entre outros, é necessário que o tradutor para além de ter um conhecimento muito bom das línguas para as quais está a traduzir, tenha capacidades estilísticas, um conhecimento cultural muito amplo e seja criativo e imaginativo, uma vez que estas são características inerentes à tradução literária (Postan, 2020). Por outro lado, sabemos que o texto técnico requer que o tradutor tenha conhecimentos específicos numa determinada área, mas afirmar que o objetivo da tradução técnica é apenas transmitir informação técnica também não é suficiente e, segundo a literatura, consultada, não é correto. Embora seja verdade que os textos técnicos sejam práticos e se destinem a servir um propósito, nomeadamente de apresentar

a informação de forma clara para os leitores, a tradução técnica engloba muito mais do que simplesmente transmitir a ideia. Em vez disso, o desafio para os tradutores técnicos é assegurar que todo o conteúdo presente no texto de partida seja transmitido, de uma forma fluente, fácil, adequada e eficaz para os leitores.

Portanto, pode dizer-se que:

The purpose of technical translation is, therefore, to present new technical information to a new audience, not to reproduce the source text, per se, or reflect its style or language. Technical translation is a communicative service provided in response to a very definite demand for technical information which is easily accessible (in terms of comprehensibility, clarity and speed of delivery) (Byrne, 2006, p. 11).

Dada a posição central do tradutor em todo o processo de tradução e nos desafios acima mencionados, o trabalho do tradutor torna-se mais complexo. O primeiro passo fundamental para um tradutor técnico antes de iniciar uma tradução é estabelecer o(s) objetivo(s) do texto a ser traduzido e também avaliar o público-alvo ao qual o texto se destina, ou seja, ter em conta o nível de especialização, o contexto cultural, etc. (Desblache, 2006, p. 539). A autora afirma que geralmente, os documentos técnicos são considerados informativos, universais e limitados quanto ao assunto, porém nem sempre é assim, embora consistam principalmente em factos e sejam de natureza informativa, podem conter elementos expressivos.

No ponto de vista de Markel (2003) “technical communication is not meant to express a writer’s creativity or to entertain readers; it is intended to help readers learn or do something”, ou seja, a documentação técnica é produzida para resolver os problemas dos seus leitores (p. 8). Segundo o autor, é um erro pensar que a comunicação técnica é apenas sobre factos, embora sejam importantes. A comunicação seria sobre determinar

que estes são apropriados, descrever o contexto para auxiliar os leitores compreenderem melhor o seu significado e apresentar um bom argumento sobre esses factos (Markel, 2015, p. 171).

A tradução técnica, tal como outros tipos de tradução, é uma forma de comunicação mediada na qual o tradutor é encarregue de transmitir a intenção comunicativa expressa no texto de partida. Embora esta documentação tenda a ser repetitiva, o controlo da tradução é mais rigoroso e é realizado através de especificações feitas pelo produto ou serviço, guias de estilo, normas, entre outros, que podem ou não estar contidos nos recursos ou sistemas de software (ferramentas TAC) fornecidos pelo cliente, como bases terminológicas, memórias de tradução nas definições dos sistemas de tradução automática (Schubert, 2010, p. 353).

O conteúdo de uma documentação técnica normalmente diz respeito a produtos ou serviços técnicos, por isso, os tradutores técnicos trabalham com uma grande variedade de documentos como manuais de instruções para a instalação, funcionamento e manutenção. Alguns documentos partilham características técnicas e de algumas áreas científicas como o direito (tradução jurídica), ciência (tradução científica), publicidade (tradução comercial). A documentação centra-se na caracterização do produto técnico e na sua respetiva utilização, ou seja, trata-se de um conteúdo que pode ser tanto descritivo como instrutivo (Schubert, 2010, p. 351).

Tal como o redator técnico da língua de origem, a principal função do tradutor é comunicar a informação através de um texto e para isso o tradutor, bem como o escritor, consulta várias fontes para além do texto original a fim de produzir um texto que seja eficaz e que cumpra a função comunicativa desejada (Byrne, 2006, pp. 15-16). Este mesmo autor explica que o bom tradutor técnico é aquele que consegue criar um texto semelhante ao que o autor faz para assegurar que a leitura final do texto seja facilitada e

que as tarefas que o leitor precisa de realizar sejam mais fáceis depois de ter lido o texto. Ambos aqui têm de avaliar as suas capacidades para compreender e cooperar com o público e antecipar possíveis efeitos que certas expressões possam ter sobre o leitor:

The sign of a good technical translator is the ability to do some of the things a technical writer does to make sure that the person who ultimately reads the text can do so with relative ease and that whatever tasks the reader needs to perform, are easier having read the text (Byrne, 2006, p. 16).

Nord (2006) afirma que uma tradução que atinge a sua finalidade é chamada de tradução funcional. A funcionalidade significa que um texto, neste caso uma tradução, funciona para os leitores numa situação comunicativa particular da forma que o escritor ou tradutor quer que funcione, ou seja, a atenção aqui centra-se inteiramente na função do texto final. Para a autora a função do texto é o fator determinante na forma como um documento é traduzido (p. 31).

If the purpose is information, the text should offer this in a form comprehensible to the audience; if the purpose is to amuse, then the text should actually make its readers laugh or at least smile. The text producer (and the translator as text producer, too) has, therefore, to evaluate the audience's capacities of comprehension and cooperation and anticipate the possible effects which certain forms of expression may have on the readership (Nord, 2006, p. 31).

Os primeiros tradutores como Cícero, Martinho Lutero e São Jerónimo observaram que utilizavam estratégias diferentes para tarefas diferentes. São Jerónimo, criador do fenómeno da "equivalência dinâmica", por exemplo, acreditava que as traduções deveriam ser iguais não só em significado, mas também na qualidade de estilo, foi, portanto, um dos primeiros tradutores a traduzir “sentido por sentido” em vez de

“palavra por palavra”, adaptando o texto de acordo com os padrões do público-alvo. No mesmo sentido, Nida (1964) distingue entre equivalência formal e dinâmica na tradução, sendo a "equivalência formal" uma reprodução fiel dos elementos do texto de partida e a "equivalência dinâmica" correspondente à tradução do propósito do texto de partida, ou seja, não está presa ao texto (Nord, 2010, p. 120).

Além da função, as estratégias ou métodos a serem utilizados durante o processo, as características estilísticas do texto e também os requisitos do cliente devem ser levados em conta. Esta abordagem funcionalista de Nord, foi baseada na teoria de *Skopos* de Vermeer. Esta teoria emergiu nos anos 70 numa tentativa de escapar às abordagens restritivas e limitadas da tradução baseadas em teorias de equivalência, porque de acordo com Byrne (2006) “there are numerous definitions and types of equivalence, they all rely on one thing: a link or bond of some sort between the source text and the target text” (p. 26). Proveniente do grego, o termo *skopos* é utilizado para descrever o objetivo de uma tradução. A teoria de *skopos* centra-se na função do texto traduzido na situação comunicativa de chegada, os objetivos da tradução, o público-alvo, o contexto e a cultura de chegada, pois estes determinam as estratégias e os métodos que o tradutor irá utilizar. Por outras palavras, o texto, de acordo esta teoria pode variar em função do público-alvo, do contexto, da cultura de chegada e dos objetivos desejado pelo cliente (Schäffner, 2011, p. 117). Ao concentrar-se na função do texto de chegada, afastam-se as abordagens linguísticas provenientes de teorias baseadas na equivalência e, em troca, abrangem-se aspetos pragmáticos e situacionais do processo de tradução.

House (2010) também adota uma abordagem funcionalista, semelhante à teoria de Vermeer. A autora defende que o objetivo final de uma tradução é que o texto de chegada atinja a mesma função do texto de partida, ou seja, o texto numa língua será substituído por um texto que seja funcionalmente equivalente noutra língua. House determina dois

tipos de tradução, nomeadamente *covert* e *overt*, sendo que a *covert* é uma tradução em que a função do texto original é mantida, para que o leitor não note que o texto é uma tradução, conforme ela explica “Readers of covert translations often do not know that they are reading a translation, they receive it as though it were an original text” (House, 2010, p. 246).

Em contrapartida, a tradução *overt* não mantém a função do texto de partida pelo que o leitor poderá dizer que se trata de uma tradução e não de um texto original:

An overt translation is, as the name suggests, quite overtly a translation, not as it were a second original. The language in overt translation may be interspersed with foreign elements from the original[...] Examples are documents of historical events and texts considered sacrosanct (House, 2010, p. 245).

Para assegurar que a equivalência funcional de uma tradução foi atingida, a autora propõe que o texto de partida seja analisado primeiro antes de o comparar com o texto de chegada. Tendo em conta estes dois tipos de tradução, Schubert afirma que as traduções técnicas são do tipo *covert* porque as necessidades do contexto de chegada sobrepõem quaisquer requisitos de equivalência (Schubert, 2010, p. 351).

No contexto técnico, Byrne (2006) explica que é um risco utilizar o texto de partida como único meio para determinar a função do texto de partida e depois a função do texto de chegada, porque “such an approach presupposes a uniformity of skill and care on the part of the original author in the way the text is written (thereby encoding the text function within it) which is impossible to quantify or achieve” (p. 33).

Os tradutores técnicos nem sempre serão capazes de identificar o tipo de texto e muito menos qual a sua verdadeira função. Isto acontece quando o texto entregue ao tradutor foi previamente traduzido por outro tradutor e faltam as características visuais

que normalmente indicam e complementam o tipo de texto. Também pode ocorrer quando o texto é utilizado para fornecer conteúdo para uma série de outros textos, tais como manuais, boletins informativos, documentação técnica, páginas web, apresentações, etc. Nestas situações, será difícil para o tradutor identificar a função final do texto traduzido, a menos que alguma informação extratextual esteja disponível.

Em geral é importante ressaltar que as teorias baseadas no funcionalismo não abandonam por completo o texto de partida, mas sim criam uma abordagem híbrida que consideram tanto o texto de partida como o de chegada.

### **1.1. A diferença entre tradução técnica e tradução científica**

Muitas áreas de investigação são caracterizadas por terminologia especializada, porém os textos que tratam destas áreas nem sempre se qualificam como textos técnicos. A tradução técnica é entendida como a tradução de qualquer tipo de conteúdo que esteja relacionado com uma área, assunto, profissão ou negócio específico (Alaoui, 2015, p. 3380). No entanto, a tradução técnica é muitas vezes confundida com a tradução científica. Embora a história da tradução técnica esteja relacionada com a tradução científica, estes dois tipos de tradução diferem nas suas designações e também no tipo de texto. Como Byrne (2006) afirma:

One of the greatest fallacies when discussing technical translation is to somehow lump it together with scientific translation, or worse still, to use the two terms interchangeably. Throughout the literature on translation, in the frequently brief references to technical translation we see the expression scientific and technical translation, where, out of convenience perhaps, authors see no problem in treating these two siblings as conjoined twins or even as the same person (p. 7).

A expressão 'ciência e tecnologia' (Olohan, 2011, p. 248) ocorre frequentemente nos círculos acadêmicos porque tem uma natureza familiar que facilmente leva ao uso do termo 'tradução científica e técnica'. Byrne (2012) explica que “the lines separating scientific and technical texts are becoming increasingly blurred” (p. 2), porque atualmente as descobertas científicas estão interligadas com os desenvolvimentos tecnológicos, onde são criados cada vez mais documentos com características técnicas e científicas, tornando ainda mais difícil a classificação diferenciada destes textos.

Ambas as traduções lidam com informação baseada nos trabalhos de cientistas, com questões científicas complicadas e, principalmente, ambas contêm terminologia especializada. Segundo Byrne (2006), para desambiguar este problema basta olhar para os próprios termos (p. 7). O termo científico provém da ciência que é definida como “knowledge ascertained by observation and experiment, critically tested, systematised and brought under general principles”, enquanto o termo técnico se refere à tecnologia que significa “the application of scientific knowledge for practical purposes” (Byrne, 2006, p. 8).

Durão (2007) define a tradução científica como a tradução de conteúdos de áreas como matemática, astronomia e astrofísica, física, química, ciências da vida, ciências do espaço e da terra, ciências agrícolas, e ciências médicas. A tradução técnica, por outro lado, é definida como a tradução de documentos sobre ciências tecnológicas (pp. 23-24)

Em termos da forma como a mensagem é apresentada e utilizada, a tradução científica difere da tradução técnica na medida em que os textos técnicos são concebidos para transmitir informação de forma mais clara e eficaz, enquanto os textos científicos discutem, analisam, sintetizam informação para explicar ideias, propõem novas teorias ou avaliam métodos. Em suma, os textos científicos tratam da teoria, ou seja, do

conhecimento enquanto, o texto técnico se refere à aplicação de tais conhecimento científicos (Byrne, 2012, pp. 1-2).

Contudo, não são só os objetivos que diferem, mas também a linguagem utilizada em cada tipo de texto e, conseqüentemente, as estratégias necessárias para os traduzir, também variam. O texto científico teoricamente é mais difícil e é mais direto, embora a visão que se tenha dele é que é uma escrita seca, muito objetiva e imparcial, sem vestígios de estilo e criatividade linguística (Byrne, 2012, pp. 2-3). No lado positivo, há uma uniformização de termos, o que facilita a consulta e, conseqüentemente, acaba por elevar o nível da escrita científica em relação a outros textos. Byrne (2006), bastante insatisfeito com a ideia de que a tradução técnica não contém estilo, afirma que:

“[...] if we regard style as the way we write things, the words we choose and the way we construct sentences, then style is equally, if not more, important in technical translation than in other areas because it is there for a reason, not simply for artistic or entertainment reasons.” (p. 4)

Na tradução técnica, o estilo é considerado muito mais do que um elemento artístico, tem um motivo e uma função, embora nem sempre seja reconhecido devido à ideologia de que a linguagem técnica é funcional, ou seja, linguagem simples sem qualquer forma de estilo ou identidade linguística, que não corresponde à realidade, uma vez que traduzir um texto técnico é complicado e devido ao facto de o estilo ser uma das suas facetas mais importantes (Byrne, 2006, pp. 4-5). Os textos de base tecnológica são mais concretos, contêm menos informação, são mais coloquiais e apresentam conceitos mais fáceis que ajudam a compreender o conteúdo do texto (Byrne, 2006, pp. 7-10).

Na prática, não é raro que o termo tradução técnica seja utilizado em outras áreas que não a tecnologia ou ciência aplicada para se referir à tradução de textos técnicos, porque alguns investigadores associam a tradução técnica à tradução especializada ou

tradução de línguas para fins especiais. O tradutor é também capaz de separar e distinguir entre tradução técnica e científica através da função que desempenha na cultura de chegada e no público-alvo.

Em termos históricos, a tradução de textos científicos e técnicos tem acompanhado as traduções de outro tipo e documentado praticamente todas as descobertas científicas e tecnológicas. É pouco provável que se encontre uma invenção ou descoberta que não tenha sido exportada para outra língua e cultura através da tradução. Um exemplo seria a Escola de Bagdade que no século IX, como forma manter o conhecimento produzido na Grécia Antiga, traduziu os textos manuscritos do grego para o árabe. A Escola de Toledo, por sua vez, no século XII, traduziu para o latim todo o património científico, filosófico e religioso, seja ele do mundo grego ou árabe (Santos, 2022). Segundo Deslile e Woodsworth, a intenção destas escolas era integrar o conhecimento árabe (assim como o grego) na cultura latina:

“Translation from Arabic into Latin was used by scholars as a means of exchanging knowledge among themselves, rather than making it accessible to a wider audience [...]” (Deslile & Woodsworth, 2012, p. 113).

No entanto, no século XIII, foi dada uma maior ênfase à disseminação do conhecimento. (Deslile & Woodsworth, 2012, p. 113).

Embora a tradução tenha servido como meio de disseminação do conhecimento, foi no século XV, mais precisamente no ano 1447, que Johannes Gutenberg criou o primeiro sistema móvel que revolucionou a impressão, tornando mais fácil a produção e posse de livros. A invenção de Gutenberg teve impacto tanto na produção de livros na Europa como na tradução, ou seja, tornou-se mais fácil distribuir textos em língua original assim como também divulgar a informação técnica e científica através da tradução.

Nessa época foram feitas muitas descobertas, no entanto, estas foram redigidas na língua nativa dos descobridores e cientistas. Os investigadores, ansiosos por adquirir novos conhecimentos e aprender novas técnicas, acabaram por desencadear a procura de traduções destes textos científicos.

Deve-se notar aqui que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia foi fundamental para a sua tradução (Byrne, 2012, pp. 1-7). Se não fosse pela tradução:

“Imagine how under-developed science would be, were it not for translation; each language area would be intellectually isolated and each language community would have to discover the entire body of scientific and technical knowledge for itself” (Byrne, 2012, p. 4).

Antes do desenvolvimento da impressão, os textos de natureza científica ou técnica eram manuscritos, pois eram copiados por escribas e conseqüentemente acabavam modificados. Para além disso, os escribas também podiam acrescentar ou omitir informações. Por isso, afirma Montgomery (2002), os textos nessa altura eram variáveis, sem normas formais de exatidão, ou seja, incertos em muitos aspetos, o que acabou por se tornar um problema. Este veio a agravar-se ainda mais com a participação da tradução, porque se o texto de partida contiver erros, a tradução irá refleti-los automaticamente (p. 178).

Esta variabilidade e incerteza em relação aos textos levou a muitos erros, especialmente nos textos técnicos, resultando assim em traduções mal feitas e omissões por parte do escriba por não estar familiarizado com o conteúdo ou por ser demasiado difícil. O desenvolvimento da impressão, por Gutenberg, veio tornar os textos mais fixos. O processo de imprimir textos em papel e encaderná-los transmitia uma legitimidade e permanência que não existia anteriormente (Byrne, 2012, pp. 4-5). Na tradução, a existência de um texto de partida fixo e normalizado permitiu também que os tradutores

se tornassem os responsáveis por erros e omissões na tradução, uma vez que podiam consultar o texto de partida em caso de dúvidas, elevando assim os padrões da tradução científica e técnica:

“[...] printing raised standard within scientific and technical translation and that, untimely, it was instrumental in the emergence of various translations theories and concepts such as equivalence, faithfulness or loyalty and later concepts such as adequacy” (Byrne, 2012, p. 5).

As traduções científicas e técnicas constituem uma parte da indústria e da sociedade moderna, isto porque são:

“[...] subject of numerous laws, regulations and directives and many international scholarly scientific journals, even those which publish papers in various languages, require translations of abstracts at the very least” (Byrne, 2012, p. 6).

Praticamente todos os produtos comercializados e serviços prestados atualmente requerem o envolvimento de tradutores científicos e técnicos em algum momento do seu ciclo de vida (Byrne, 2012).

## **1.2. A tradução técnica e as tecnologias**

Como anteriormente referi, a associação entre a tradução e o desenvolvimento das tecnologias ao longo dos séculos tem desempenhado um papel crucial na tradução técnica. Esta associação transitou os tradutores de um ambiente de caneta de papel para um mundo mais tecnológico com ferramentas TAC cada vez mais sofisticadas que foram concebidas para auxiliar o tradutor a encontrar informação, comunicar com outros tradutores e também a realizar todo e qualquer o tipo de tarefas necessárias de forma mais rápida e eficaz (Bowker, 2002, p. 163).

Esta ideia é apoiada por Bowker quando afirma que:

In CAT, human translators are responsible for doing the translation, but they make use of a variety of computerized tools to help them complete this task and increase their productivity. Therefore, [...] CAT Tools support translators by helping them to work more efficiently (Bowker, 2002, p. 4).

Atualmente, o tradutor técnico tem de ter um bom conhecimento geral das tecnologias de informação, que vai além do envio e receção do email, deve também ser capaz de trabalhar em diversas tecnologias e *softwares* e também em várias ferramentas e formatos de ficheiro. Além disso, o tradutor deve ter um domínio das ferramentas TAC, porque são extremamente úteis para a tradução técnica, pois permitem reutilizar traduções existentes através das memórias de tradução (MT). Portanto, as ferramentas são úteis em traduções que têm muitas repetições, que é o caso de documentos técnicos de uma determinada área. Para uma melhor compreensão das ferramentas, O'Hagan (2011) afirma que “the term Computer-aided Translation (CAT) refers to a translation *modus operandi* in which human translation (HT) is aided by computer applications” (p. 48), e salienta que, ao contrário do que muitos pensam, esta tecnologia é utilizada para facilitar a vida do tradutor durante o processo de tradução em vez de o substituir.

As ferramentas vão desde processadores de texto, *software* OCR (*Optical Character Recognition*), motores de busca na internet, até ferramentas mais específicas para a tradução, tais como dicionários eletrónicos multilingues, ferramentas de análise de *corpus*, extração de terminologia e sistemas de gestão terminológica ou uma compilação de termos numa folha de cálculo. Esta combinação de ferramentas resulta no tipo de sistemas de gestão de conteúdos que são utilizados por clientes e escritores técnicos, por sistemas de gestão de tradução que são utilizados maioritariamente por LSP (*Language*

*Service Providers*), pelos seus gestores de projeto e que normalmente envolvem a automatização de certos processos (Olohan, 2021, p. 8).

O sistema de gestão terminológica é uma ferramenta utilizada para armazenar e extrair a informação a partir de uma base de termos. Começa com uma base de termos vazia à qual os tradutores ou outros (através de um servidor) adicionam termos, permitindo assim a criação de um valioso recurso terminológico ao longo dos anos (Olohan, 2021). Os tradutores conseguem personalizar as fichas terminológicas com diferentes áreas, como por exemplo, termo, equivalência, definição, contexto, fonte, e podem também extrair os termos através de vários tipos de correspondências. Embora existam bases de termos e glossários disponíveis publicamente, os tradutores técnicos podem ter à sua disposição recursos terminológicos específicos do cliente ou de um outro projeto. Além disso, têm a liberdade de fazer a sua própria pesquisa, para identificar o termo do conteúdo técnico que estão a traduzir, ou seja, para encontrar termos equivalentes na língua de chegada. A pesquisa terminológica pode ser realizada de forma monolíngue ou multilíngue.

Tendo surgido como uma das primeiras tecnologias de tradução nos anos 70, a memória de tradução foi comercializada em meados da década de 90 tornando-se uma das principais ferramentas para as TAC. Com as memórias de tradução, o tradutor armazena as suas traduções numa base de dados e reutiliza-as mais tarde numa nova tradução, recuperando automaticamente os segmentos correspondentes, poupando assim tempo no processo.

A base de dados da memória de tradução é constituída por segmentos de texto de partida e texto de chegada que são chamadas unidades de tradução. Após dividir o texto de partida em segmentos, o sistema compara cada segmento do texto de partida com os segmentos de um texto de partida armazenado nas memórias de tradução. Quando um

segmento do texto de partida corresponde a um segmento que está na base de dados, a unidade de tradução é extraída. A memória de tradução classifica então estas correspondências como *exact matches*, *full matches* e *fuzzy matches* (Bowker & Fisher, 2010, p. 61), em que uma *exact match* significa que existe um segmento armazenado na memória, que é idêntico ao segmento do texto de partida. A *full match*, por outro lado, significa que o segmento do texto de partida corresponde a um segmento que está armazenado na memória, apenas contém alguns elementos variáveis, por exemplo números, datas, horas, etc. E, por último, um *fuzzy match* acontece quando um segmento do texto de partida é semelhante a um segmento na memória, no entanto, o tradutor terá de realizar alguma edição para poder reutilizá-lo (O'Hagan, 2011, pp. 48-49). O *fuzzy match* pode variar de 1% a 99% e este limite pode ser definido pelo próprio tradutor nas definições, quanto mais alta for a percentagem do *fuzzy match*, mais útil será a correspondência, contudo muitos sistemas têm por defeito o limite estabelecido entre 60% e 70% (Bowker & Fisher, 2010, p. 62), como se pode verificar no exemplo da figura 1.

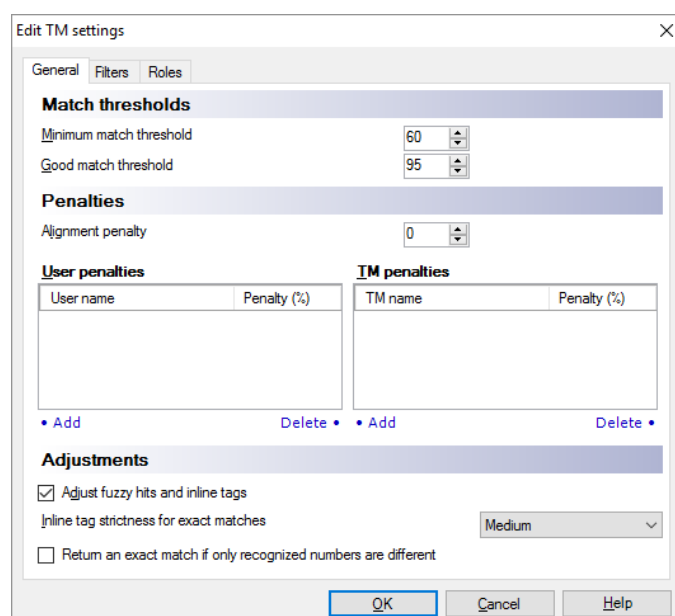


Figura 1 – Limite definido pelo tradutor

Por exemplo no memoQ, este limite é estabelecido entre 50% a 102%, como podemos observar nas figuras seguintes:

### Exact match:

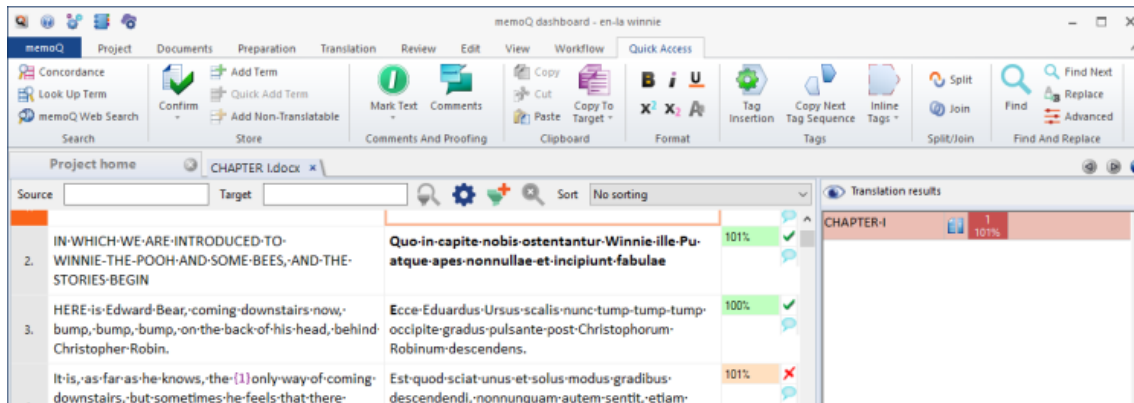


Figura 2 – Exemplo de Exact match

O *exact match* ocorre quando o segmento do texto de partida corresponde a um segmento na memória de tradução. No entanto, pode haver casos em que o segmento do texto de partida é exatamente ao *match*, mas existem pequenas diferenças como, número, *tags*, sinais de pontuação e espaços. Nestes casos, ao invés de mostrar uma percentagem de 100%, mostra uma percentagem que vai de 95%-99% (memoQ, s.d.).

### Fuzzy match:

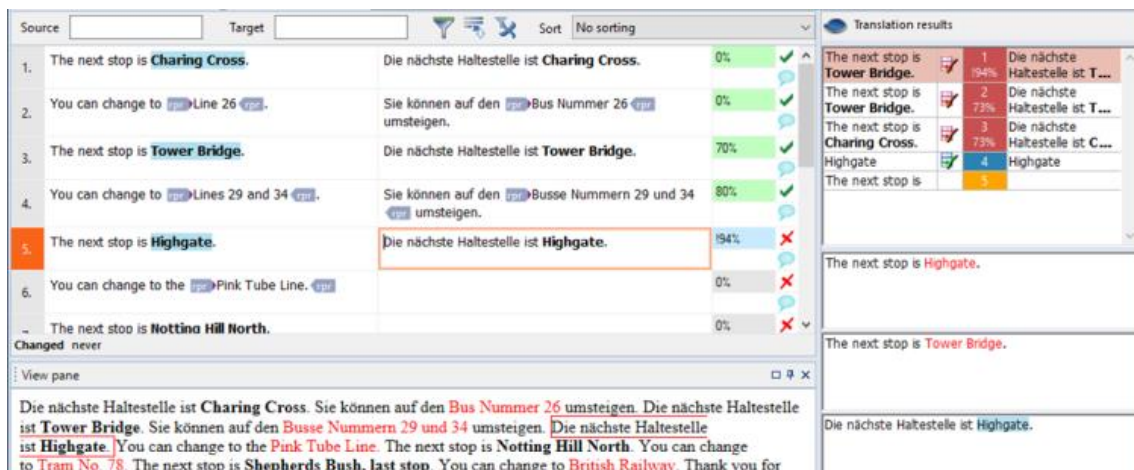


Figura 3 – Exemplo de Fuzzy match

O *fuzzy match* acontece quando o segmento do texto de partida é semelhante ao texto de partida armazenado nas memórias de tradução, mas com mais diferenças no corpo do texto. Segundo o memoQ, existem três tipos de fuzzy matches:

- **High fuzzy** (85%-95%) – segmentos com uma palavra diferente.
- **Medium fuzzy** (75%-84%) – segmentos que diferem por duas palavras.
- **Low fuzzy** (50%-74%) – segmentos que diferem em mais de duas palavras (memoQ, s.d.).

Como pode ser verificado na figura 4, o contexto de texto de partida é exatamente o mesmo que o contexto que foi armazenado na memória de tradução, por isso, mostra 101% como uma percentagem.

### **Context match:**

3.	Home	Home	101%	✓
4.	O Projeto	The Project	101%	✓
5.	Objectivos	Goals	101%	✓
6.	Parceiros	Partnerships	101%	✓
7.	Investigação e Inovação	Research & Innovation	101%	✓
8.	Resultados	Results	101%	✓

Figura 4- Exemplo de Context match

Além da extração de termos, uma outra ferramenta frequentemente utilizada em ferramentas é a que executa, tanto manual como automaticamente, controlo de qualidade ou *Quality Assurance* (QA) numa tradução. Este passo é extremamente importante na tradução, porque permite que o tradutor entregue uma tradução de alta qualidade, ou seja, é um dos fatores chave na entrega de um projeto sem falhas.

Esta é a ferramenta que normalmente vem integrada nas ferramentas de tradução assistida, cuja função é verificar, durante o processo de tradução, a existência de erros. No memoQ (software que mais utilizei durante o mestrado e o estágio curricular) o QA é executado de duas maneiras diferentes, uma que é feita em tempo real e outra que categoriza os erros e cria estatísticas dos erros para fornecer um feedback mais estruturado pelos tradutores. De uma maneira mais simplificada, o primeiro alerta o tradutor quando

existe diferenças entre o segmento de partida e o segmento de chegada, enquanto o segundo, mais utilizado durante a revisão, onde o tradutor/revisor pode deixar comentários, especifica o grau de erro ou até mesmo define critérios para aceitar ou rejeitar traduções. No estágio, esta última tarefa (aceitar ou rejeitar traduções) era normalmente desempenhada pelos próprios gestores de projetos.

Os tradutores técnicos, além de dominarem as ferramentas, têm de trabalhar com ferramentas de processamento mais complexas do que Microsoft Word, como é o caso de ficheiros em formato HTML em casos de localização de páginas web, cuja popularidade está a aumentar cada vez mais. A tradução de páginas Web há muito que é uma parte importante dos sistemas de tradução automática e interativa. Atualmente, muitos sistemas fornecem um suporte abrangente para a localização de documentos que são baseados em HTML.

### **1.3. Dificuldades e problemas da tradução técnica**

Uma vez que a tradução técnica é uma ponte fundamental entre estudiosos de diferentes culturas, permitindo a partilha de conhecimentos, apresenta vários tipos de problemas, sendo a maior parte deles lexicais e sintáticos, contudo, ainda existem problemas relacionados com as normas da cultura de chegada e problemas específicos do texto. Estes variam de acordo com a dificuldade, que podem ir desde problemas causados pela diferença entre as duas línguas até problemas que estão relacionados com a terminologia utilizadas no texto técnico (Muhiesen & Al-Ajrami, 2019, p. 322). Segundo Nord (1997), diferente de problemas de tradução, apesar de apresentarem um conceito semelhante, as dificuldades de tradução são subjetivas enquanto os problemas de tradução são mais objetivos. Nord, neste caso define as dificuldades de tradução como:

“[...] subjective difficulties that a particular translator or trainee encounters in a translation process because of deficient linguistic, cultural or translational competence, or because they do not have appropriate documentation” (Nord, 1997, p. 64).

Por outras palavras, as dificuldades derivam de questões relativas aos conhecimentos e competências do tradutor, à falta de experiência ou também de:

[...] technical details such as the lack of dictionaries or documentation material, pressure of time, poor remuneration, high standards demanded for the presentation of the target text (camera-ready manuscript, electronic storage in a particular format, etc.) – all determine the degree of difficulty of a translation task (Nord, 1991, p. 166).

Na realidade, Nord classifica as dificuldades em quatro tipos:

- **Dificuldades específicas do texto** – relacionadas com o grau de compreensão do texto de partida por parte do tradutor, ou seja, quanto mais o tradutor souber melhor será a compreensão;
- **Dificuldades dependentes do tradutor** – estão ligadas ao nível de conhecimento e aptidões do tradutor;
- **Dificuldades pragmáticas** – estão relacionadas com a falta de conhecimento cultural do tradutor;
- **Dificuldades técnicas** – relacionadas com a parte técnica (uso de ferramentas TAC, memórias de tradução, etc.).

Os problemas de tradução, por outro lado, são a transferência objetiva que todos os tradutores, independentemente do seu nível de competência e condições técnicas de trabalho, têm de resolver durante o processo de tradução (Nord, 1997, pp. 166-167). A

objetividade dos problemas de tradução, na opinião de Nord, deve-se ao facto de serem categorizados como:

- **Problemas pragmáticos** – conflito entre a situação em que o texto de partida foi utilizado e a situação para o qual o texto de chegada é produzido;
- **Problemas relacionados a normas** – Como o nome indica, é o conflito entre as normas da cultura de partida e cultura de chegada;
- **Problemas linguísticos** – diferenças estruturais entre a língua de partida e a língua de chegada;
- **Problemas específicos do texto** – derivado de particularidades do texto de partida (exemplo: trocadilho) (1997, pp. 75-76).

Quando um tradutor recebe um texto, seja geral ou técnico, tem de o analisar estruturalmente, compreender o seu conteúdo, mesmo que isso implique que faça uma pesquisa aprofundada, identificar a função do texto e conhecer o público-alvo. Estas características podem causar alguns constrangimentos aos tradutores se eles não tiverem conhecimentos suficientes para lidar com este tipo de texto. Só depois de executar todas as etapas acima mencionadas é que o tradutor identificará quais são os possíveis problemas e as estratégias a utilizar para os resolver.

Tradicionalmente, e como anteriormente se mencionou, a terminologia sempre foi encarada como um dos principais obstáculos para o tradutor técnico. A terminologia presente num texto técnico requer tempo e dedicação do tradutor na pesquisa e investigação, assim como na leitura de artigos e documentos relacionados com a terminologia que o tradutor procura.

O processo da tradução do texto técnico, de acordo com Gerhard Budin (2010), envolve várias fases, sendo estas:

- a análise dos termos contidos no texto de partida;

- a comparação da terminologia da língua de partida com a terminologia da língua de chegada;
- a produção do texto de chegada, incluindo a seleção dos termos apropriados de acordo com o(s) objetivo(s) comunicativo(s) do texto de chegada.

O problema terminológico corresponde às unidades lexicais com um significado preciso numa determinada área, ou seja, o termo. Esta questão ocorre quando existe um problema relacionado com a compreensão do termo, com as propriedades pragmáticas do termo no texto de partida, ou na procura de equivalentes. Para Cabré (2010) todos os tradutores experimentaram já uma das situações abaixo:

- Não ser capaz de compreender todo ou parte de um termo, o seu significado, como usá-lo gramaticalmente ou conhecer o seu valor pragmático na língua de origem;
- Não saber se na língua de chegada existe termo semântica e pragmaticamente equivalente ao termo utilizado no texto de partida.
- Não saber se o termo na língua de chegada é o mais semelhante entre as alternativas encontradas;
- Não saber ou ter dúvidas sobre a fraseologia utilizada numa determinada área de especialidade (2010, pp. 358-359).

Para além da terminologia, outro possível problema que os tradutores técnicos podem ter, está relacionado com os neologismos. À medida que a ciência e a tecnologia evoluem, novas palavras e termos surgem e são utilizados em textos técnicos. Por outras palavras, a dificuldade aqui não seria a criação de novas palavras, mas sim se estas novas palavras não estiverem registadas em dicionários e se for difícil para os tradutores técnicos compreenderem o seu significado, mesmo com o texto de partida. Uma possível solução para este caso seria, juntamente com os documentos de referência, analisar a

estrutura e o contexto do termo e tentar determinar o seu significado (Ibatova, 2019, p. 242).

O facto de existir uma diversidade de terminologia técnica e de a mesma não estar uniformizada pode também intervir na tradução de um tradutor profissional e especialmente de tradutores em formação. Embora existam dicionários especializados que auxiliam os tradutores durante o processo de tradução, existe um obstáculo que impede a adequação dos dicionários técnicos que é o ritmo lento da sua produção (Alaoui, 2015, p. 3383).

Os textos técnicos exigem que o tradutor compreenda totalmente o conteúdo que contém e para assegurar que o produto final é uma tradução de qualidade, o tradutor precisa de estar familiarizado com o assunto ao mesmo nível que aqueles que irão ler a tradução. A falta desse conhecimento conduz facilmente a erros, por exemplo, objetos, conceitos ou processos podem ser confundidos, o que causa ambiguidades (Alaoui, 2015, p. 3381). Para os tradutores em formação, esta tende a ser uma tarefa mais difícil.

De acordo com o estudo de Ibatova (2019), os tradutores em formação quando se depararam, por exemplo, com termos compostos, traduziram os termos separadamente sem conhecer a área dos mesmos. A autora explica que é difícil para os tradutores em formação definirem o âmbito de um termo composto durante o processo de tradução, uma vez que para eles o mesmo é desconhecido (p. 292).

Autores como Wright (1993) consideram que existem questões mais problemáticas do que a tradução de terminologia, mais especificamente o estilo. A autora considera o problema estilo “a wide scale of considerations ranging from the overall structure form of the entire text to lexical choice at sentence fragment level” (Wright, 1993, p. 89). Na sua opinião, as traduções devem assemelhar-se aos outros textos produzidos na cultura de chegada, ou seja, a tradução terá de ser adaptada de acordo com

as normas estilísticas dos leitores da cultura de chegada a fim de garantir que a tradução seja lida como se fosse um texto original dessa cultura (Wright, 1993, pp. 69-70).

## **1.4. Fatores que promovem o êxito da tradução técnica**

### **1.4.1. Competências do tradutor**

Nos Estudos de Tradução, as qualidades de um bom tradutor têm sido abordadas com base no conceito de "competência do tradutor" (Rothe-Neves, 2007, p. 126). A palavra competência, segundo a *Infopédia*, significa qualidade de quem é capaz de resolver determinados problemas ou de exercer determinadas funções, qualidade de possuir uma habilidade, ou seja, sinónimo de aptidão.

A aptidão para realizar uma tarefa específica é determinada pela opinião de especialistas que avaliam o desempenho do tradutor em diferentes circunstâncias e uma vez que a tradução envolve não só línguas diferentes, mas também culturas diferentes, o desempenho de um bom tradutor depende muito de um determinado tempo e lugar (Rothe-Neves, 2007, p. 126).

Certamente, o pensamento mais comum quando se pergunta a alguém qual seria a principal competência que um tradutor deveria ter, a resposta seria o conhecimento linguístico, e de facto, é extremamente importante que o tradutor domine as línguas de trabalho, contudo, nem sempre será exigido ao tradutor que tenha apenas um conhecimento absoluto das áreas da semântica e da sintaxe. De acordo com Werner:

The translator's competence surpasses pure foreign language competence as acquired in foreign language classes. The translator's competence, as the ability to produce a target language text for a source language text according to certain requirements, the so-called equivalence requirements,

is qualitatively different from the mastery of the languages involved, thus different from pure language competence (Werner, 2004, pp. 19-20).

Para Hatim e Mason (1997) o tradutor desempenha dois papéis em simultâneo, um de recetor e outro de produtor:

We would like to regard him or her as a special category of communicator, one whose act of communication is conditioned by another, previous act and whose reception of that previous act is intensive (Hatim & Mason, 1997, pp. 1-2).

Os autores explicam que é considerado intensivo porque os tradutores interagem sempre com o texto de partida, quer lendo para uma resposta imediata como no caso da interpretação simultânea ou de uma forma mais ponderada (p. 2).

Lima (2010), por sua vez, destaca as que considera as duas principais competências do tradutor, nomeadamente a de tradutor e a de mediador:

O papel comum do tradutor como intérprete é visto como um modelo de comunicação baseado na transferência, visto que o tradutor se propõe atribuir sentido àquilo que os outros dizem e transmitir por outras palavras, de modo a permitir uma conversação entre pessoas que não podem (ou não querem) falar numa determinada língua. O tradutor trabalha, portanto, numa interacção que se fundamenta no modelo dialógico da língua e do uso da língua (p. 51).

Diferente dos outros autores, Gouadec (2007) afirma que ninguém “nasce” tradutor pelo que a competência de tradução não é uma característica inata de um tradutor, mas pode ser adquirida através de formação ou prática. No entanto, acrescenta que os bons tradutores devem partilhar das seguintes qualidades:

- i. Ter domínio, quase perfeito, se não perfeito, das línguas de trabalho, principalmente a língua de chegada;
- ii. Competência cultural – saber trabalhar com referências culturais tanto no seu sentido mais amplo como no seu sentido restrito;
- iii. Ter conhecimento de áreas mais especializadas (quer através da formação, quer, mais provavelmente, através da autoeducação);
- iv. Ter um conhecimento absoluto sobre o significado da tradução, o que ela requer e o que implica;
- v. Não criar rivalidade com outros tradutores, ou seja, estar simplesmente concentrado em fazer o seu trabalho e da maneira mais profissional possível, sem prejudicar o outro (Gouadec, 2007, p. 150).

Venuti (1995), dando destaque à invisibilidade do tradutor, realça que “a good translation is like a pane of glass. You only notice that it’s there when there are little imperfections— scratches, bubbles. Ideally, there shouldn’t be any. It should never call attention to itself” (p. 1). Venuti vê a tradução como uma tentativa de produzir um texto que não aparenta ser uma tradução. No ponto de vista do autor, um texto traduzido é considerado aceitável pelos editores, revisores e leitores, quando lido fluentemente, ou seja, quando não existem peculiaridades linguísticas ou estilísticas que se notem, ou seja, transparência. Este tipo de tradução dá a ilusão de que não se trata de uma tradução, mas sim um original, pois reflete a personalidade e intenção do autor do texto original (p. 1).

Mesmo a Organização Internacional de Normalização - ISO (2015) estabeleceu competências que todos os tradutores, incluindo os revisores, deverão possuir:

1. **Competência de tradução** – ter a capacidade de traduzir conteúdos de acordo com o objetivo do texto de partida, as normas e especificações da língua de chegada, ser capaz de lidar com problemas de compreensão e produção que

surgem durante a tradução e ainda transformar o conteúdo da língua de chegada consoantes as exigências do cliente;

2. **Competência linguística e textual nas línguas de partida e de chegada** – devem ser capazes de compreender a língua de partida, a fluência na língua de chegada e ainda ter um conhecimento geral ou especializado das normas de géneros textuais. Este tipo de competência também abrange a aplicação de tais conhecimentos durante o processo de tradução ou outros conteúdos na língua de chegada;
3. **Competência em investigar, adquirir e processar a informação** – por outras palavras, ser capaz de adquirir conhecimentos linguísticos e especializados necessário, para uma melhor compreensão do conteúdo na língua partida e produção do conteúdo na língua de chegada. A investigação também requer experiência no manuseamento de ferramentas de busca e capacidade de desenvolver estratégias para o uso eficaz das fontes de informação disponíveis;
4. **Competência cultural** – consiste no uso da informação sobre as normas comportamentais, a terminologia atualizada, os sistemas de valores e locais que caracterizam ambas as culturas de partida e de chegada;
5. **Competência técnica** – reflete o conhecimento, a capacidade e aptidão necessária para a realização de tarefas técnicas durante uma tradução, incluído a utilização de recursos técnicos como ferramentas TAC e sistemas de tecnologia de informação como suporte durante o processo de tradução;
6. **Competência de domínio** – refere-se à capacidade do tradutor em compreender o conteúdo do texto de partida e de o reproduzir na língua de chegada utilizando estilo e terminologia apropriados (p. 6).

Relativamente à terminologia, é natural que um tradutor não domine todos os termos que existem e que faça o uso de motores de busca ou dicionários para se inteirar

do seu significado. De facto, é essencial que o tradutor assegure que a terminologia do texto de partida seja corretamente traduzida, mas para que isso aconteça, os próprios autores precisam de ser mais uniformes sobre os termos. Como explica Beijer, citado em Brenes (s.d.), os textos de partida tendem a ser muito "confusos", os autores usam seis termos diferentes para a mesma coisa. Acrescenta que a tradução é a parte mais fácil, pois vem naturalmente do tradutor, no entanto, é a terminologia que leva o tradutor a cometer erros (Brenes, p. 25).

Ainda na mesma linha de pensamento, Wardell (citado em Brenes), afirma que o conhecimento terminológico é importante, no entanto, alguns tradutores não investem tempo suficiente na procura da terminologia certa, só estão interessados em terminar a tradução a tempo, o que leva o autor a afirmar que

Terminology is excruciatingly important, getting it right [...] because this is what sets you, as a translator, apart from all the others who don't do their homework, and that's what makes your translations shine (Brenes, p. 24).

Segundo Cabré (1999), o que os tradutores, interpretes e escritores técnicos precisam:

[...] is training in terminology to deal with the specific terminological problems that derive from working with more than one language or from special subject writing, or to work on multilingual terminological research (Brenes, p. 83).

Isto leva a concluir que é extremamente necessário que o profissional nesta área tenha conhecimento do léxico da área em que trabalha, bem como saber estabelecer uma relação entre o termo do texto de partida com aquele que é considerado semelhante e também saber utilizar ferramentas de busca, bases de dados, dicionários técnicos, glossários, entre outros.

No que toca à tradução de textos técnicos, Byrne (2006) determina cinco competências fundamentais do tradutor técnico:

- Conhecimentos da área relevante;
- Competências de escrita;
- Competências de investigação;
- Conhecimento dos tipos e géneros textuais;
- Competências pedagógicas (p. 6).

Devido à natureza especializada da documentação técnica, é essencial que o tradutor tenha um conhecimento sobre o assunto da documentação, mas como explica Alaoui (2015) é importante ter conhecimento especializado numa área, no entanto, tal não é obrigatório ou suficiente, porque o facto de tradutor ter conhecimentos especializados não significa que possa entregar boas traduções (p. 3382).

Para além do conhecimento o tradutor técnico deve ter competências de escrita, ou seja, ser capaz de comunicar por escrito e para que isso aconteça deve traduzir com precisão para que não ocorram erros gramaticais e lexicais durante a tradução. O texto técnico tem a tendência de conter muitas variações, uma vez que contém uma linguagem especializada e muitas vezes cabe ao tradutor descobrir o significado dos termos, ou seja, requer investigação. A capacidade de identificar as fontes fidedignas, escolher entre elas e utilizá-las eficazmente é crucial para o tradutor que pretende entregar uma boa tradução.

#### **1.4.2. Formação do tradutor**

Diferente da formação de outros profissionais, não existia uma longa tradição de formação de tradutores (e intérpretes) até meados do século XX. No entanto, os factos históricos apontam para uma resposta às necessidades sociais e políticas em determinados momentos. Na altura os tradutores tendiam a ser especialistas monolíngues ou bilingues

que ou eram autodidatas ou tinham alguma forma de aprendizagem ou mentoria. Por exemplo, já na Idade Média a Escola de Toledo assumiu-se como um grupo de estudiosos mais ou menos experientes que ao longo do tempo foram aprendendo uns com os outros, sem uma verdadeira formação profissional (Kelly & Martin, 1998). E, segundo, Kelly & Martin (1998) “Self-teaching and apprentice approaches still survive today, both in contexts with institutional programmes and in contexts where these do not (yet) exist [...]” (p. 294).

Gouadec (2007) afirma que atualmente é necessário muito mais do que conhecimentos técnicos, competências linguísticas e de tradução para poder entrar no mercado da tradução. Todas as competências e aptidões adicionais podem ser adquiridas através de cursos de formação de tradutores.

Para Maia (2003) é importante que o universo académico reconheça que um bom tradutor precisa de uma formação académica que seja ao nível de licenciatura ou mais exigente, como no caso do Instituto Politécnico de Bragança, ocorre ao nível de mestrado. É essencial que o tradutor, para além de possuir um elevado nível cultural, tenha domínio de línguas estrangeiras e da sua língua materna, mas num nível superior ao de um professor do ensino secundário, uma vez que o tradutor terá de traduzir textos dos mais variados temas, sendo alguns destes especializados, que utilizam a língua estrangeira ou a língua materna de uma forma mais complexa (p. 3).

Em 2001, Dias realizou um estudo no qual analisou os programas curriculares dos cursos de tradução (e interpretação) existentes em Portugal. Os resultados mostram que os elementos curriculares gerais incluem quase sempre línguas, tradução, literatura, cultura, linguística, e que a informática tem vindo a aumentar nos últimos tempos e, por vezes, também a teoria da tradução. Já os elementos específicos abrangem disciplinas temáticas como economia, direito, política, ciência, tecnologia, e cursos

profissionalizantes em secretariado e ciências empresariais. Segundo a autora, estas disciplinas são úteis em termos de cultura geral, mas não no sentido de uma preparação para uma especialização, pois não ensinam o mais fundamental que é ensinar ao tradutor a produzir um texto especializado, a partir de uma área específica, com o seu próprio registo e terminologia adequadas. Atualmente todas as escolas, instituições e departamentos universitários oferecem uma gama mais completa de cursos (pp.3-4).

No total Dias (2001) conseguiu enumerar o total de 41 cursos em que a formação do tradutor é, um dos objetivos atingir. Alguns destes cursos são concebidos exclusivamente para esta formação, outros para aqueles que desejam formar tradutores ou intérpretes, ou outros cursos mais generalistas em que a tradução é apenas uma das vertentes oferecidas e pela qual o próprio aluno tem de decidir em determinado ponto do seu percurso académico (p. 3).

A duração dos cursos de licenciatura varia de instituição para instituição. A duração normal em algumas instituições é de três anos, contudo noutras a duração varia, sendo normalmente de 3 anos + 1,5 ou 2 anos. Os casos em que a duração é de 3 anos + 1,5 ou 2 anos são aqueles que contêm o grau de mestre já integrado. Contudo, na atualidade essa situação já não se verifica.

Em relação às unidades curriculares lecionadas, a autora destacou as seguintes:

- Formação em línguas estrangeiras que abrangem todos os cursos em que geralmente são obrigatórias duas línguas, contudo os alunos podem assistir a outras aulas de línguas;
- Formação na língua portuguesa surge em apenas alguns planos de licenciatura e está menos presente nos cursos de pós-graduação;
- A prática da tradução surge em todos os cursos;

- Os estágios, que surgem como complemento e fazem já parte dos planos curriculares de muitas instituições;
- Disciplinas relacionados com a Informática, Multimédia e Tecnologia surgem em apenas alguns cursos;
- As disciplinas de linguística surgem com frequência nos cursos dos politécnicos
- A Terminologia que surge em muitos poucos cursos (sendo Bragança uma deles);
- O Instituto Politécnico de Bragança destaca-se pela sua inovação, na disciplina de Ética, Tradução e Mercado, assim como a Faculdade de Letras do Porto com Terminografia e Lexicografia
- Surgimento de disciplinas como Introdução às Ciências da Engenharia e Introdução ao Pensamento Científico;
- A teoria da tradução ocupa um espaço muito reduzido na maior parte dos cursos (pp. 8-17).

A autora chama ainda a atenção para a necessidade de disciplinas que ensinam aos futuros tradutores como comunicar com colegas, clientes e especialistas, como trabalhar em equipa e em rede (internet).

E para concluir Dias, declara que a formação de um tradutor é uma árdua tarefa, porque a tarefa de traduzir é difícil e também porque a formação de um tradutor nunca pode ser considerada terminada, mas sim iniciada, com a conclusão da sua formação, pois:

Quer seja tradutor generalista ou especializado, um profissional da tradução sabe que, tanto ou mais do que qualquer outro, deverá manter-se informado sobre um pouco de tudo, porque tudo pode surgir num texto que tem de traduzir. Esse fluxo de informação constante tem também de ser complementado com ações de formação, frequência de seminários,

conferências, simples trocas de experiências com outros tradutores (Dias, 2001, p. 19).

Este estudo foi realizado há mais de 20 anos, no entanto, os dados recolhidos anteriormente podem não corresponder aos dados atuais, porque as condições podem ter mudado durante estas duas décadas. A fim de descobrir se houve de facto muitas mudanças a nível das disciplinas de licenciatura e mestrado em tradução, analisei os programas de estudo dos cursos existentes em Portugal e publicados nos sítios web das diferentes instituições.

Em Portugal, há vários cursos de tradução disponíveis em universidades públicas e privadas. Entre licenciaturas em tradução, mestrados em tradução e doutoramentos em tradução, o país tem atualmente 18 cursos de tradução. Da minha análise, pude constatar que:

- Todas as licenciaturas e mestrados incluem a formação em línguas, ou seja, os alunos continuam a ter, por obrigatoriedade, duas línguas de estudo (tal como o estudo de Dias já revelava);
- As práticas de tradução nas línguas de especialidade surgem na maior parte dos cursos;
- A terminologia aparece apenas em alguns planos de estudo, a maior parte deles cuja formação é em tradução especializada;
- O estudo e também a prática de vários tipos de tradução, especialmente a tradução técnica, é verificada em poucos casos;
- A teoria de tradução já ocupa um lugar em todas as formações analisadas;
- Disciplinas como as tecnologias de apoio à tradução, metodologias de investigação, produção de textos, audiovisuais, etc. destacam-se nos cursos de formação em tradução;

- O Instituto Politécnico de Bragança continua a ser o único com uma disciplina centrada na ética e no mercado da tradução, e as universidades do Porto e Nova FCSH com lexicologia e lexicografia;
- Disciplinas dedicadas apenas à revisão de textos são verificadas em muito poucos cursos;
- Os estágios continuam a aparecer em muitos planos de estudo;
- A tradução também aparece em apenas alguns cursos em que uma das vertentes se encontra nesta área, e estes estão normalmente relacionados com as relações internacionais, relações comerciais e ciências da linguagem.

Através desta análise, constatei que houve de facto um aumento no número de algumas disciplinas como terminologia, ferramentas de tradução assistida e tradução audiovisual nos cursos de tradução, no entanto, de todos os planos analisados apenas um continha disciplinas relacionadas com a localização de páginas web e software, neste caso o Instituto Politécnico de Bragança. Acredito que acrescentar esta disciplina ao plano seria uma mais-valia, porque atualmente a maioria, se não todas as empresas, vendem ou comercializam os seus produtos através de um website, e para que este chegue a outros países é necessário que os tradutores saibam trabalhar no software que traduz páginas web (como é o caso do Lingobit Localizer, utilizado durante o meu mestrado).

Mas como afirmou Dias, a formação do tradutor nunca termina, o tradutor poderá sempre aprender novas disciplinas, novos conceitos, novas práticas, diferentes das que lhe foram ensinadas durante a sua formação.

### **1.4.3. O mercado português**

Em Portugal, a localização geográfica dos profissionais de tradução está centrada nas grandes cidades, principalmente em Lisboa e no Porto, onde existe uma maior

necessidade dos serviços de tradução. Estatisticamente, 53% das empresas encontram-se sediadas em Lisboa, 19% na cidade do Porto e apenas 7% em Setúbal. Relativamente às áreas mais solicitadas pelos clientes ou os documentos/tópicos mais trabalhados, há uma proliferação de diferentes temas dentro da mesma categoria (Valdez, 2019, p. 98).

Um estudo realizado por Durão (2007) com 157 tradutores portugueses revelou que a tradução técnica e científica tem a maior presença no mercado português. O objetivo da autora era saber quais as principais áreas científicas ou técnicas presentes no mercado português (do inglês para português) entre o período 2000-2005 e os resultados demonstraram que naquela altura as ciências tecnológicas reproduziam o maior número de resposta (48%), seguida de tradução médica (23%) e das ciências da vida (12%) (p. 124).

Já o inquérito realizado por Ferreira Alves (2012) com tradutores do norte de Portugal, constatou que 86,1%, ou seja, 279 tradutores, consideravam-se profissionais de tradução técnica e especializada, enquanto apenas 13,9% consideravam a tradução literária como principal área de trabalho. Quando questionados sobre áreas de conhecimento mais frequentes em termos de procura, os tradutores responderam que a tradução jurídica estava entre as áreas mais procuradas, ou seja, a tradução de documentos oficiais, traduções certificadas no notário, declarações juramentadas. A segunda área com maior procura foi a tradução técnica, especialmente nos campos de engenharia automóvel, engenharia mecânica e indústria de automóveis. Outras áreas como localização de softwares, tradução literária e tradução audiovisual também foram escolhidas pelos inquiridos, mas numa percentagem menor (p. 9).

Um estudo mais recente sobre competência de tradução apurou que 41,2% dos tradutores Portugal se identificaram como tradutores técnicos, no entanto o número reduz para metade nas áreas de tradução audiovisual e generalista, e menos de 10% trabalham como tradutores científicos (Calhanas, 2016, p. 55). É impossível não notar como a

procura de tradução técnica tem vindo a ganhar terreno no mercado português ao longo do tempo.

## **2. A criatividade na tradução técnica**

A tradução, no sentido lato, consiste na reescrita de um texto já produzido. Todas as reescritas, independentemente da sua intenção, podem representar uma ideologia e uma poética e por esse motivo manipulam a literatura para funcionar dentro da sociedade de uma determinada forma. Esta ideia advém de Venuti, que afirma que “rewriting is manipulation, undertaken in the service of power, and in its positive aspect can help in the evolution of a literature and a society” (Venuti, 1995, p. 8). É assim que se introduzem novos conceitos, novos géneros, uma nova invenção, e o mesmo acontece com a possibilidade da tradução com o poder de se adaptar a informação de uma cultura a outra. No entanto, o autor explica que esta mesma reescrita também pode reprimir, distorcer e conter a evolução de uma sociedade, especialmente no que ele considera ser uma era de manipulação crescente (Venuti, 1995, p. 8).

De acordo com Aranda (2009), “translations undo the original” e a sua reescrita requer liberdade para lidar com particularidades linguísticas de ambas as línguas de partida e de chegada (p. 24).

Nas últimas décadas do século XX, a prática da tradução sofreu uma revolução que começou a ser vista como uma atividade expressamente criativa, embora a criatividade seja ainda um conceito pouco associado à tradução (Santos, 2006, p. 131). Por muitos anos, a criatividade foi considerada como um atributo exclusivo dos autores que produziam os textos, no caso dos tradutores, apenas se exigia rigor e fidelidade e sendo-lhes também pedido que traduzissem estes textos literalmente (Santos, 2006, p. 131). A palavra criatividade é assim entendida como a escolha da parte do tradutor durante o processo, e, por isso, é paradoxalmente uma característica que distingue a escrita (considerada criativa) da tradução (O’Sullivan, 2013, p. 42). Quando se menciona a criatividade no mundo da tradução, esta é automaticamente associada à tradução literária. Contudo, a criatividade na tradução é associada a duas categorias, a categoria

lexical e a estilística. A lexical está relacionada com a escolha de palavras e à sua aplicação num texto, enquanto a criatividade estilística está relacionada com a forma como a informação é transmitida num texto (Pereira, 2015, p. 32). Isso é reforçado por Zethsen:

In translation-oriented text typologies [...] technical texts - and thus technical translation - are often cited as a kind of counter example to literary translation - the point being that literary translation is very creative - an art - whereas technical translation is almost mechanical and definitely not more than a craft. (Zethsen, 1999, pp. 68-69).

A mesma autora ainda afirma que os textos literários não têm controlo exclusivo da expressividade e a criatividade (Zethsen, 1999, p. 72).

Magalhães (2007), em “Tradução Técnica e Criatividade”, esclarece que “toda a tradução requer, na maioria dos casos, um grau maior ou menor de criatividade”, onde levanta a seguinte questão: “Existe criatividade nos textos dos cientistas e escritores técnicos?”. Para o autor, se a resposta a esta questão for positiva, o tradutor terá de se colocar no lugar do cientista e do escritor técnico, ser criativo, tornando-se obrigatoriamente um (re)criador (p. 83). O trabalho do tradutor é, pois, complexo, porque requer níveis elevados de criatividade da língua, mantendo-se ao mesmo tempo fiel ao conteúdo do texto.

Outros pensadores como Benjamin (1992) também apoiam a ideia de a criatividade ser um fator essencial do processo de tradução. Contudo, o pensamento anterior era que a tradução técnica constituía uma linguagem mecânica que qualquer pessoa bilingue e com um bom dicionário poderia concretizar (Byrne, 2010, p. 16). O mesmo autor (2010) afirma que esta é uma das razões pelas quais a tradução técnica não foi considerada como uma atividade criativa, mas sim como uma atividade de

transferência, a menos que se considere a questão da criatividade lexical, que é quando o tradutor se depara com termos e frases invulgares ou atípicas durante a tradução (p. 16).

Postolea (2016), por sua vez, refuta a crença de que um dicionário bilingue/multilingue ou uma base de dados terminológica é tudo o que um tradutor precisa para lidar com terminologia especializada. Esta ideia é contestável por duas razões:

- i. “Multilingual dictionaries and terminological databases do not cover every possible field of knowledge and activity” – isto porque muitas áreas menos desenvolvidas não beneficiam de nenhum trabalho terminográfico, independentemente da língua em que emergem, e quando isto acontece os tradutores embarcam numa busca difícil e encontrar por si próprio a suposta tradução (se houver) de termos do texto de partida na língua de chegada;
- ii. “Dictionaries and terminological databases do not include every possible term” – apesar de serem muito abrangente e precisos, são por natureza incapazes de acompanhar todas as inovações que são feitas numa determinada área. Por exemplo quando os tradutores especializados são surpreendidos por novos termos, tentam encontrar a melhor solução para os introduzir na língua de chegada. Para a autora é aqui que a criatividade do tradutor também desempenha um papel (pp. 56-57).

Mesmo Nida (1964), considerado como um dos fundadores de teorias do século XX nos estudos de tradução, diminuiu a tradução não literária, e com convicção expressou que:

There is no doubt that eventually machines will be able to take over some of the humdrum tasks of ‘low-grade’ translating of certain types of material; for example, translating technical documents of a highly

specialized nature, in which the multiple meanings of words are at minimum and literary quality is not required (pp. 263-264).

Todavia, discordo da opinião do autor porque acredito que a evolução da tecnologia veio auxiliar e não substituir o trabalho humano, pelo menos na área da tradução. Uma das razões pelas quais acredito que isto irá acontecer é, por exemplo, a capacidade de decisão que um computador tem em comparação com um tradutor com muitos anos de experiência. Quando se trata de tradução técnica, acredito que isto não vai acontecer devido à evolução da língua, como mencionei anteriormente, pois novos termos estão sempre a aparecer ou até os mesmos termos assumem um novo significado. Por essa razão o tradutor parece ser mais competente aqui do que a tradução automática. Ou então, pelo simples facto de que a mente do tradutor é mais criativa do que uma máquina.

Convém ressaltar que, independentemente do tipo de tradução, os tradutores também não são tão livres nas suas produções como os escritores, porém na primeira fase do processo criativo, os tradutores devem ter a mesma capacidade de reconhecer um problema, adquirir informações relevantes, idealizar possíveis soluções como qualquer pessoa criativa (Kussmaul, 1995, p. 41).

Como até agora referi, o principal objetivo e função dos textos técnicos é transmitir a informação de forma mais clara e eficaz possível, no entanto, uma questão que não tem recebido muita atenção é a da capacidade de escrita na tradução técnica, ou seja, até que ponto um tradutor pode modificar a forma e o conteúdo de um texto técnico sem que este se torne numa adaptação ou algo que não seja considerada tradução. A adaptação é uma estratégia muito criativa, e é aceitável apenas em certas circunstâncias em textos literários, porém esta estratégia não está associada à tradução técnica, visto que esta transmite factos, procedimentos e informações concretas, logo é preciso ser uma tradução fiel e direta (Byrne, 2010, pp. 20-21).

O tradutor técnico evoluiu hoje a um ponto em que tem pouca semelhança com a visão tradicional de um tradutor, isto deve-se ao facto de:

Various external factors have resulted in technical translators implementing writing strategies more commonly associated with areas such as technical writing, information design and even creative writing (Byrne, 2010, p. 14).

São necessárias competências linguísticas e técnicas de escrita para que o tradutor possa transmitir o conteúdo técnico de uma língua para a outra e para que os utilizadores da cultura de chegada possam realizar as tarefas técnicas com facilidade (Alaoui, 2015, p. 3381)

Ao contrário da visão tradicional, os textos técnicos são frequentemente muito expressivos e também persuasivos devido à sua componente informativa, pois mesmo tratando-se de uma linguagem mais objetiva a informação é apresentada de tal forma que pretende atrair o leitor para o produto (Zethsen, 1999, p. 74), por exemplo, brochuras técnicas conseguem ser persuasivas e informativas enquanto tentam convencer um engenheiro a comprar uma nova máquina (Desblache, 2006, pp. 539-540). Contudo, na pior das situações espera-se que o tradutor traduza apenas a informação contida no texto (Zethsen, 1999, p. 74).

Entendo que todos os aspetos referidos nos subpontos desta primeira parte contribuem para que o êxito da tradução técnica seja garantido, pois todos eles interferem de algum modo na garantia de um bom trabalho nesta tipologia de tradução.

## **II. Parte Prática**

### **3. Apresentação da instituição de acolhimento**

A Certas Palavras, Lda., ou Eurologos-Lisboa é uma empresa que é conhecida particularmente pelos seus serviços profissionais de tradução. Para além dos serviços de tradução esta empresa também fornece serviços de interpretação, localização, formação, consultoria, entre outros serviços linguísticos. Fundada em 2006, a Certas Palavras tem atualmente 16 anos de atividade no mercado português, abrangendo mais de 19 000 projetos concluídos (Eurologos, 2021).

Os serviços de tradução desta empresa incluem tradução de documentos simples, tradução de documentos técnicos como relatórios de contas, manuais de instruções e procedimentos, fornece traduções certificadas em notário, advogado ou solicitador como também adapta produtos e conteúdos à cultura e língua de chegada.

A multinacional Eurologos Group foi fundada em 1977 em Bruxelas, mas em resposta à forte procura dos clientes, a empresa rapidamente se tornou global. Este grupo está atualmente presente em 13 países, sendo Portugal um deles, com duas sucursais, uma em Lisboa outra no Porto. Para garantir a excelência dos seus serviços a Eurologos dispõe de tradutores, revisores, terminologistas, redatores a trabalhar na própria língua em cada escritório da Eurologos estabelecidos no respetivo país.

Com mais de 40 anos de experiência em serviços de linguísticos, nas atividades desempenhadas por este grupo aplica-se o princípio “Glocalization”, uma combinação perfeita entre a dimensão global e local. A razão deste posicionamento ser definido como “glocal”, ou seja, global e local ao mesmo tempo, é simples, para o grupo não é possível traduzir, verificar, modificar ou corrigir textos linguísticos sem uma organização global.

#### **4. Tarefas realizadas durante o estágio**

No âmbito do mestrado de Tradução, o estágio curricular que aqui relato incluiu diversas tarefas, nomeadamente tradução, formatação, revisão e transcrição. Estas tarefas foram desenvolvidas essencialmente na empresa Certas Palavras, Lda./Eurologos-Lisboa, tendo o seu início no dia 12 de abril e o seu fim no dia 29 de julho de 2021. Antes do início do estágio, realizou-se uma reunião que contava com a presença de um dos sócios, Professor Doutor Marco Neves e outra colega que iria realizar o estágio na mesma empresa. O intuito desta reunião foi discutir alguns pontos sobre o estágio curricular, para determinar a data de começo de estágio, entre vários outros assuntos. Foi acordado, a partir dessa primeira reunião que o estágio seria realizado em regime de teletrabalho, uma vez que as tarefas não poderiam ser feitas pessoalmente devido ao confinamento, decretado na altura, provocado pela COVID-19.

No primeiro dia do estágio, realizou-se uma reunião online (Zoom) onde estavam presentes quase todos os membros que trabalhavam na empresa. Esta reunião serviu não só para apresentar os funcionários da empresa e explicar a tarefa de cada um, mas também explicar como funcionava a empresa (as regras), como eram atribuídas as tarefas e o meio de comunicação usado. Para além das reuniões que foram feitas através do Zoom, a empresa também utilizou outro meio de comunicação, chamado *Slack*. O *Slack* (2022) é uma aplicação de envio de mensagens para empresas.

Para uma comunicação mais rápida e mais organizada os estagiários foram convidados a participar em dois *workspaces* da empresa, um geral e outro com apenas os estagiários e os gestores de projetos. A distribuição de tarefas foi também realizada através do *Slack*, onde os gestores de projetos apresentavam os projetos e mediante o interesse e disponibilidade os estagiários manifestavam-se. No entanto, o envio de documentos e instruções foi sempre realizado através do *e-mail*. Os estagiários tinham a liberdade de contactar diretamente o gestor de projetos em caso de dúvidas ou problemas.

As minhas tarefas incidiram maioritariamente na formatação de documentos para tradução, tradução de textos do inglês/espanhol para o português europeu, na revisão de traduções e também na transcrição de áudios, contudo irei abordar cada tarefa detalhadamente a seguir.

As ferramentas mais utilizadas durante o estágio foram o *Microsoft Office Word* e o memoQ. O memoQ (2022) é uma ferramenta de tradução assistida intuitiva que foi criada em 2004 com o propósito de aumentar a produtividade do tradutor. Para conseguir realizar as tarefas que me eram atribuídas, era necessário saber manusear este *software* de tradução. Mesmo tendo tido uma unidade curricular dedicada às ferramentas de tradução durante o mestrado, o meu conhecimento e a minha inexperiência eram visíveis. Perante essa inexperiência e uma vez que a empresa aposta na formação de tradutores, os respetivos donos da empresa disponibilizaram aos estagiários dois cursos *online*: 1) Introdução ao memoQ; 2) Curso de Gestão de Projetos de Tradução. O objetivo do primeiro curso era abordar aspetos essenciais do memoQ, como por exemplo como criar e trabalhar um projeto, como criar e utilizar uma memória de tradução, como criar e gerir uma base terminológica, como trabalhar com *LiveDocs* para fazer alinhamento, como traduzir diferentes formatos de ficheiro, como melhorar as traduções com o memoQ, entre outros pontos. Com o curso, o que era inicialmente difícil tornou-se mais simples e à medida que executava as tarefas atribuídas, executava cada passo necessário de forma intuitiva e mais célere.

Como referi anteriormente, as quatro principais tarefas que desempenhei foram formatação de documentos, revisão, tradução e transcrição, conforme a tabela a seguir evidencia:

<b>Tipo de tarefa</b>	<b>Total</b>
Tradução	6
Revisão	15
Formatação de documentos	21
Transcrição	2

*Tabela 1 – Tarefas realizadas por tipologia*

#### **4.1. Tradução**

Durante o período de estágio realizei seis traduções, sendo cinco delas traduções de inglês para o português europeu e uma do espanhol para o português europeu (Ver tabela 2).

<b>Projetos de Tradução</b>			
<b>Título da tradução</b>	<b>Nº de palavras</b>	<b>Par linguístico</b>	<b>Descrição da tradução</b>
Tradução 1	786	EN>PT	Tradução de um certificado de conclusão de licenciatura.
Tradução 2	450	EN>PT	Tradução de mensagens trocadas entre duas empresas.
Tradução 3	900	EN>PT	Tradução de documento internos de uma empresa.
Tradução 4	1039	EN>PT	Tradução de um folheto informativo de um produto.
Tradução 5	581	EN>PT	Tradução simples
Tradução 6	161	ES>PT	Tradução de um texto sobre relatórios.

*Tabela 2 – Traduções realizadas*

Como todas as outras tarefas, existia um prazo para entregar o trabalho. Uma vez atribuída uma tradução, o gestor de projeto enviava um e-mail com o documento original e o código do projeto, que é utilizado para identificar o projeto no servidor da empresa.

A primeira tarefa a executar seria abrir o projeto a partir do servidor Certas Palavras, Lda. no memoQ e começar a traduzir. O projeto já vinha com as memórias de tradução e as bases de termos que foram previamente selecionadas pelos gestores de projetos. Uma vez traduzidos todos os segmentos, o passo seguinte seria o QA (*Quality Assurance*/Controlo de qualidade). O QA analisa inconsistências relativas à posição dos números, das *tags*, espaços extras no final da frase. O tradutor analisa os segmentos sinalizados podendo assim decidir se deve corrigi-los ou ignorá-los. Após o QA, exportei a tradução em formato RTF para Word onde executaria o último passo, o *Spell Check*. O objetivo do *Spell Check* era verificar a ortografia, gramática e erros de escrita, ou seja, erros que tinham escapado ao tradutor e ao memoQ. Se houvesse erros, teria de voltar ao memoQ, especificamente ao segmento, e realizar a correção, como por exemplo:

<b>Original</b>	<b>Tradução</b>
[...] patient develops skin reaction [...]	[...] paciente desenvolve uma reação cutanea [...]

*Tabela 3 – Exemplo de Spell Check*

Digamos que aqui o memoQ não reconheceu que faltava o acento circunflexo na palavra ‘cutanea’, mas que o Word, após a verificação, reconheceu o erro, tive de voltar ao projeto aberto no memoQ, localizar o segmento em questão, fazer a alteração (adicionar o acento), confirmá-lo e depois exportar um novo documento RTF e verificá-lo novamente. No final, tudo o que restava era notificar o gestor do projeto de que a tradução já estava completa.

Enquanto estagiária na empresa, traduzi documentos mais generalistas, documentos de teor técnico e jurídico. Antes de iniciar a tradução fazia uma leitura rápida do texto de partida para conseguir identificar as suas características, determinar o assunto e localizar possíveis problemas. Ao mesmo tempo que traduzia os textos, consultava as memórias de tradução fornecidas pela empresa em caso de dúvida. No entanto, nem

sempre encontrei soluções para os problemas na memória de tradução, em muitos casos foi necessário fazer uma intensa pesquisa nos vários motores de busca disponíveis *online* para encontrar uma correspondência. Dicionários monolíngues como *Infopédia*, *Cambridge Dictionary* (EN), RAE (ES) e IATE (base de dados terminológica da União Europeia) foram consultados numa tentativa de encontrar soluções. Além de dicionários tentava encontrar artigos que estivessem relacionados com o texto que estava a traduzir, ou seja, por exemplo, se o texto fosse sobre manutenção de carros tentava encontrar algum texto sobre esse mesmo assunto ou mesmo procurar um glossário online gratuito.

Como mencionei anteriormente, todas as traduções feitas foram enviadas para o gestor de projeto para uma revisão final (com o gestor eventualmente a assumir esta função). Quanto ao *feedback* sobre a tradução, este era transmitido semanalmente numa reunião entre os estagiários e os gestores de projetos, onde era feito um balanço geral das tarefas. Alguns dos retornos foram fornecidos durante a reunião, mas em algumas ocasiões os gestores de projetos enviavam a tradução revista para fazer uma comparação com o texto que traduzi. Esse *feedback* permitiu-me ver detalhadamente os erros que cometi e assim evitá-los numa próxima tradução. Aqui estão exemplos de alguns dos erros que cometi nas minhas traduções iniciais:

<b>Original</b>	<b>Tradução</b>	<b>Revisão</b>
Sessional GPA:	GPA Semestral:	<b>Média Semestral</b>
Cumulative GPA	GPA Cumulativa	<b>Média Cumulativa</b>
WGT	Créditos	<b>Fator Pond</b>
Eco & East Asian Finance - ECO2***	Eco & East Asian Finance - ECO2***	<b>Economia e Finanças do Leste Asiático - ECO2***</b>
[...] nos.	[...] nos.	<b>[...] n°s de sinistro.</b>

*Tabela 4 – Exemplos de erros de tradução*

Nestes casos, os erros resultaram da dificuldade em encontrar termos que correspondessem aos termos do texto de partida e também da minha falta de experiência

de alguns textos académicos. Os primeiros quatro exemplos correspondem à tradução de um certificado de licenciatura da Universidade de Toronto, Canadá. Para esta tradução, foi necessária uma pesquisa na área da tradução de textos académicos.

Os sistemas educativos/universitários variam de acordo com os países, ou seja, os métodos de avaliação, os nomes das unidades curriculares mudam consoante o país e até a instituição. Tal tornou a minha tradução ainda mais difícil, pois tive de atribuir um termo equivalente às siglas e às unidades curriculares sem prejudicar a tradução. Um exemplo seria o GPA que, segundo o *Cambridge Dictionary*, significa *Grade Point Average*, no entanto, não consegui encontrar uma correspondência, nem no dicionário online como o *Infopédia*, nem no IATE (base de dados terminológica da União Europeia). No entanto, com o *feedback* descobri que o GPA seria o mesmo que é considerado a média em Portugal.

A tradução de unidades curriculares também provou ser um pouco trabalhosa, mas a minha estratégia foi procurar as unidades curriculares nas universidades que disponibilizavam este tipo de informação. Em algumas delas consegui encontrar as designações que eram equivalentes às unidades curriculares do texto de partida, e em outras, onde os nomes não eram semelhantes, tentei, através do conteúdo, descobrir o que era a unidade curricular do texto de partida e assim procurar unidades correspondentes na língua de chegada.

Sem ser relacionado com a terminologia, também cometi erros nos seguintes casos:

<b>Original</b>	<b>Tradução</b>	<b>Revisão</b>
This is to certify that [Student's name] has fulfilled the requirements of the University of	O presente certifica que: [Nome da aluna] cumpriu os requisitos da Universidade de Toronto e	O presente certifica que: [Nome da aluna] cumpriu os requisitos da Universidade de Toronto,

Toronto under the authority of [...]	foi admitido sob a autoridade do [...]	com <b>admissão</b> sob a autoridade do [...]
Insurance Company - Contact person:	Compania de Seguro Pessoa a contactar:	Companhia de Seguro - Pessoa <b>de contacto</b>
[...] outgoing U of student	[...] aluno outgoing da UofT	[...] aluno <b>externo</b> da <b>Universidade de Toronto</b>

Tabela 5 – Exemplo 2 de erros de tradução

Estes erros advêm da falta de atenção durante a tradução e devido à necessidade de entregar a tradução dentro do prazo estipulado, como pode ser verificado. Neste caso escolhi traduzir ‘*Contact person*’ como ‘Pessoa a contactar’, apesar de ter também encontrado outro termo, no entanto, o revisor sugeriu que neste contexto ‘Pessoa de contacto’ encaixava melhor com o tipo de texto que era.

No último exemplo, decidi manter a palavra ‘*outgoing*’ igual ao texto de partida, porque há alguns anos fiz um estágio no gabinete de relações externas da minha escola, em que o termo era mantido sempre em inglês em assuntos de intercâmbio, o que acabou por me induzir ao erro. Quanto ao nome da universidade, fui aconselhada que, uma vez que a tradução seria provavelmente certificada, deveria escrever o nome da universidade por extenso em vez da sigla.

## 4.2. Revisão

É muito semelhante ao último passo de uma tradução, mas esta tarefa foi feita por outros tradutores, nomeadamente os tradutores da empresa. Esta tarefa, como a designação indica, consistia em rever uma tradução que era feita na própria ferramenta de tradução (memoQ). Uma das primeiras ordens dos gestores de projeto foi ter sempre o *Track Changes* ativo quando uma revisão era feita, para que o gestor de projeto pudesse ter uma ideia do que tinha sido alterado.

Esta ferramenta é semelhante à funcionalidade que regista alterações no Word, por exemplo:

<b>Texto traduzido</b>	<b>Minha revisão</b>	<b>Revisão final</b>
Departamento de Tesouro	Departamento de <del>Tesouro</del> Tesouraria	Departamento de Tesouro

Tabela 6 – Exemplo de Track Changes

As alterações foram sempre apresentadas em cores diferentes para facilitar o trabalho do gestor do projeto. O objetivo das revisões era assegurar que o texto estava livre de erros de pontuação, erros em números, mas principalmente traduções inconsistentes. Para além da minha revisão, tinha ainda de executar o QA no final da revisão e executar o *Spell Check* no Word. A maioria dos textos tinha uma terminologia específica, por isso tentei não alterar demasiado os termos específicos porque não era especialista na matéria, no entanto, tentei procurar os erros que foram mencionados acima. Abaixo encontram-se alguns dos exemplos de erros que eu aponte:

<b>Original</b>	<b>Tradução</b>	<b>Minha revisão</b>
Formas de pago en cliente y en contrato, que implica que no estén alineadas.	Formas de pagamento no cliente e no contrato, que implica que não estejam alinhadas.	<del>Métodos</del> de pagamento no cliente e no contrato, que implica que não estejam alinhadas.
[...] already activated.	[...] já desativado.	[...] já <del>ativado</del> .
Rotuladores pizarra	Rotuladores de quadro	<del>Marcadores</del> de quadro
... as at five (5) Business Days prior to ....	... aos (5) Dias Úteis anteriores ...	... aos <del>cinco</del> (5) Dias Úteis anteriores ...

Tabela 7 – Exemplo (1) de revisões

No primeiro exemplo, embora ambas as opções estejam certas, optei por mudar ‘formas’ porque após uma pesquisa percebi que a maioria das empresas utilizava ‘método de pagamento’ em vez de ‘formas de pagamento’. O segundo exemplo é um simples erro, contudo, se o tradutor não tiver atenção, este tipo de erro pode passar facilmente

despercebido. Quanto ao terceiro exemplo, segundo a RAE, o rotulador é “Instrumento semelhante a un bolígrafo o a una estilográfica, que escribe o dibuja con un trazo generalmente más grueso que el habitual, mediante una escobilla o pincel de fieltro”. Da definição pode-se deduzir que é marcador e não um rotulador, porque um rotulador, de acordo com o *Infopédia*, seria “que ou o que serve para rotular, para pôr rótulo ou etiqueta em”, substituí assim a tradução para marcadores de quadro. Um exemplo de erros relativos a números seria o último exemplo, em que o tradutor se esqueceu de introduzir o número por extenso, transferindo-o apenas em formato numérico.

Outro ponto importante na revisão foi assegurar a uniformização dos termos, ou seja, garantir que o termo específico apresentado num segmento fosse o mesmo noutra segmento, porém nem sempre isto acontecia, como no exemplo seguinte:

Original	Tradução
[company’s name] staff (employee or not) may not participate in such studies without having presented an expression of interest letter to the <b>Chief Medical Officer</b> [...]	Os colaboradores da [nome da empresa] (funcionários ou não) não poderão participar em tais estudos sem terem apresentado uma carta de manifestação de interesse ao <b>Diretor Médico Principal</b> ...
The [company’s name] name will not be used in any publication by staff (employee or not) unless this has been previously agreed with the Head of Science and Research and the <b>Chief Medical Officer</b> observing:	O nome da [nome da empresa] não será utilizado em nenhuma publicação pelos colaboradores (funcionários ou não), a menos que tal tenha sido previamente acordado com o Chefe de Ciência e Investigação e o <b>Chefe do Departamento Médico</b> respeitando o seguinte:

Tabela 8 – Exemplo (2) de revisões

Nos casos em que o mesmo termo foi traduzido de forma diferente, tive de verificar primeiro se existia um termo correspondente nas memórias de tradução, quando o não encontrava, cabia-me a mim efetuar uma pesquisa (tentar encontrar um dos termos) e decidir qual deles utilizar. Nesta revisão, o gestor do projeto aconselhou-me a ver qual

dos termos foi mais repetido, que neste caso foi 'Diretor Médico Principal'. Assim, foi decidido substituir todos os segmentos de 'Chefe do Departamento Médico' pela primeira opção 'Diretor Médico Principal'. Para além de questões deste tipo era também importante ter atenção aos espaços em falta ou em excesso nos segmentos, ao *tags* e segmentos vazios.

### **4.3. Formatação**

Antes de iniciar uma tradução, é necessário preparar o documento a ser traduzido para que possa ser importado pelo memoQ. Durante o meu período de estágio, esta foi a tarefa que mais executei, num total de 21 projetos de formatação de vários tipos de texto e em várias línguas, tais como português, inglês, espanhol e mesmo línguas das quais não sou fluente, tais como o francês, alemão e latim. A formatação consiste na passagem de todo o conteúdo do documento original, que normalmente é entregue em formato PDF, para o Word, uma vez que esta ferramenta de tradução ainda não permitem a importação de ficheiros PDF ou imagens. A conversão de um documento PDF para o Word é feita através de programas de reconhecimento ótico de caracteres ou OCR (*Optical Character Recognition*). Estes programas leem tudo a partir do documento original, depois toda a informação recolhida é transferida para o Word como texto simples. Este primeiro passo era normalmente feito pelos próprios gestores de projeto, a minha tarefa aqui seria formatar o documento do zero e deixá-lo o mais semelhante possível ao texto de partida e também o mais simples possível para vir a ser mais facilmente trabalhado.

Comecei por selecionar todo o texto e depois limpei toda a formatação que ainda existia (negrito, sublinhado, justificado, etc.) mantendo apenas o texto normal. Ainda com o texto selecionado fiz CTRL+D (para aceder à janela de tipo de letra) onde tive de personalizar o texto em termos de tipo de letra, tamanho, estilo, entre outros. De acordo com as regras da empresa, o documento tinha de estar sempre em Times New Roman,

tamanho 12, o espaçamento de caracteres com 100% de escala, espaçamento normal e posição normal. Após estes passos, já podia dar início à formatação o documento. Ao formatar foram surgindo várias questões que foram esclarecidas com o gestor do projeto via *Slack* ou *e-mail*.

Durante a formatação foi necessário prestar atenção a alguns aspetos, como por exemplo:

- **Logótipos, carimbos, selos, brasão, marca d'água, etc.** – estes devem ser representados sempre entre parêntesis reto, tal como nos foi ensinado durante o mestrado. Se os exemplos tiverem informação, e que seja legível, devem ser apresentados da seguinte forma:

Texto de partida	Formatação
	[logótipo: INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA]

Tabela 9 – Exemplo de logótipo

- **Assinaturas** – semelhante ao exemplo acima, a assinatura também é apresentada por apenas [assinatura];
- **Gráfico e imagens** – devem ser sempre excluídas, a menos que a pedido do gestor de projeto sejam mantidos na formatação:

Texto de partida	Formatação
	[gráfico: Ipeak T@ 50% of Ipeak]

Tabela 10 – Exemplo de gráfico

- **Códigos QR ou código de barras** – também por [código QR] ou [código de barras];

- **Texto manuscrito** – Se o texto for legível, deve ser substituído por [texto manuscrito + a informação escrita] caso contrário seria apenas [texto manuscrito];
- **Nunca criar caixas de texto**, porque o objetivo é deixar a formatação o mais limpa possível, sem *tags*, ou seja, quanto mais caixas de textos se criar, mais *tags* terá o documento, tornando o trabalho do tradutor em memoQ mais difícil. Um substituto para as caixas de texto seria construir tabelas e depois formatá-las de acordo com o texto de partida;
- É extremamente importante **respeitar o texto de partida** ao formatar, isto é, se o texto de partida tivesse um ou vários erros ortográficos não podia fazer a sua correção:



Texto de partida	Formatação
	Togethernes
	[...] was confiscatet [...]

Tabela 11 – Exemplos de erros ortográficos a manter

A formatação, que na minha opinião deu mais trabalho, foi a formatação de um texto em latim. Em termos de estrutura, a formatação era bastante simples e rápida, o dilema veio mais tarde, porque o OCR não conseguia ler uma boa parte (ver tabela 12) do texto e tendo um prazo muito curto tornava a situação ainda pior. De uma maneira mais simples, tive de reescrever quase todo o texto em latim e como não domino a língua e não conseguia instalar a ferramenta no Word que fez a verificação linguística para o latim, parei várias vezes para verificar se tinha escrito o texto corretamente:

Leitura do OCR	Formatação
[...] Dei flagella ciilpis lo <sup>y</sup> l <sup>m</sup> u <sup>m</sup> [...]	[...] Dei flagella culpis hominum provocari [...]
[...] religionem et ccc <sup>cs3</sup> ,_jnas ac praesertim ad ""<"hir, atque ad optimas artes, et severiore <sup>8</sup> H <sup>um</sup> que [...]	[...] religionem et ecclesiasticum spiritum mature instituantur, atque ad optimas artes, et severiores disciplinas [...]

Tabela 12 – Exemplos de problemas com o OCR

Como se verifica nos exemplos, para além estarem desformatadas, muitas partes não foram sequer reconhecidas pelo OCR.

Para além desta formatação, outra formatação que também foi trabalhosa, foi uma conversa na aplicação WhatsApp. O facto de a conversa ser toda em alemão não me incomodou, apesar de não dominar a língua, mas sim, formatar em Word várias capturas de ecrã das conversas da WhatsApp. Além de questões como estrutura, os remetentes utilizavam emojis e neste caso tinha a opção de descrever o emoji, por exemplo, [emoji de mulher a correr] ou então simplesmente colocar [emoji].

Outra formatação com que eu também tive dificuldades, foi uma que tinha muitas tabelas, imagens e gráficos. Foi-me pedido pelo gestor de projeto para manter todas as imagens e gráficos, no entanto, abaixo da imagem/gráfico tive de colocar toda a informação neles contida. O documento era de natureza técnica, por isso as imagens/gráficos continham muita informação. Em muitas delas consegui extrair a informação, mas não em outras devido à qualidade da imagem.

#### **4.4. Transcrição**

A transcrição foi a tarefa a que menos me dediquei, tendo realizado apenas duas. Esta tarefa consistia em ouvir ficheiros áudios (em formato mp4 e mp3) e transcrever o que era dito neles para um documento Word. Uma das transcrições eram de um caso de um tribunal com a duração de 44 minutos enquanto a outra transcrição foi de um vídeo com cerca de 7 minutos. Antes de iniciar as transcrições do tribunal foram-me dadas algumas orientações (gestor de projeto) que tive de seguir durante o processo da transcrição.

Como o primeiro áudio era muito longo, foi dividido e distribuído entre os estagiários e um transcritor, e por esta razão, foi essencial colocar o tempo correspondente

na primeira linha. Durante a transcrição tinha sempre de indicar a pessoa que falava, no entanto, quando conseguia identificar a voz, colocava, Orador 1, Orador 2, etc.

Para esta transcrição foi necessário escrever de acordo com o novo acordo ortográfico e, ao mesmo tempo, transcrever tudo exatamente da mesma forma como ouvi, incluindo marcas de oralidade como expressões populares, abreviações, erros de português, entre outros, ou seja, cada pausa, cada erro, cada hesitação ou exclamação. A expectativa inicial para a transcrição é que seria uma tarefa simples e rápida, no entanto, a meio da transcrição cheguei à conclusão de que é mais exigente do que esperava. O áudio e a pronúncia dos intervenientes foram os principais fatores que tornaram a transcrição difícil. Durante este processo parei e repeti muitas vezes partes do áudio porque não conseguia entender o que estava a ser dito. Para as partes que não consegui ouvir, coloquei-as da seguinte forma no ficheiro Word: [Inaudível].

Em comparação com a primeira, a segunda transcrição foi mais simples e demorou menos tempo. Era uma transcrição sobre um encontro internacional cujo tema estava relacionado com o tratamento de uma doença oncológica. Ao contrário de uma transcrição jurídica, não foi necessário escrever as hesitações da pessoa, pois segundo o gestor de projeto, na transcrição deste tipo de vídeos não são necessárias todas as marcas de discurso como nos tribunais, como pausas e afins. As dificuldades aqui centraram-se nos termos médicos específicos, estando alguns em inglês, conseguindo entender alguns e outros não. No final das transcrições era necessário rever o texto transcrito, para isso deve-se reproduzir o áudio do início ao fim, seguindo a transcrição, para corrigir possíveis erros. Apesar de ter sido uma transcrição mais simples não deixei de cometer alguns erros como:

<b>Errado</b>	<b>Correto</b>
Lan Clinit	Lung Clinic
Matogénia	Hematogénia
Neoplásicos	Paraneoplásicos

*Tabela 13 – Erros da transcrição*

Os erros foram principalmente nos termos médicos, creio que foi porque não tinha qualquer conhecimento sobre o assunto e também porque os meus ouvidos ainda não estavam treinados para este tipo de trabalho, que foi a razão pela qual eu não compreendi os termos.

Para além de todas as tarefas descritas acima, na parte final do estágio foi pedido aos estagiários que criassem um CV, uma carta de apresentação e um orçamento para apresentar aos gestores do projeto:

- **Currículo vitae** – em vez de recorrer ao currículo comum feito online, foi-me pedido para ser criativa na forma como iria criar o currículo (ver apêndice 1);
- **Carta de apresentação** – uma vez que muitas empresas atualmente juntamente com um CV pedem uma carta de apresentação, os gestores pediram-me para escrever uma carta de apresentação para uma empresa fictícia ou uma empresa para a qual eu gostaria de me candidatar (ver apêndice 2);
- **Orçamento** – mesmo modelo acima, ou seja, criar um orçamento de tradução para um cliente fictício, no qual tinha de criar as minhas próprias condições de venda (ver apêndice 3).

Quanto a estas últimas tarefas confesso que não senti grande dificuldade em realizá-las, pois durante o meu mestrado realizei um exercício semelhante na unidade curricular Ética, Tradução e Mercado.

## **5. Reflexão crítica**

O meu percurso académico começou quando decidi fazer o curso de Línguas para Relações Internacionais e quando este acabou decidi continuar a minha formação e especializar-me numa das vertentes oferecidas por este curso, nomeadamente o mestrado em tradução. O próprio mestrado ofereceu-me tanto a teoria com as unidades curriculares que contribuíram para aprofundar os meus conhecimentos na área da tradução e perceção do quão vasta a tradução pode ser, como a prática com a oportunidade de realizar um estágio numa empresa.

As diversas unidades curriculares contribuíram muito para o meu desempenho no estágio, mas gostaria de destacar as diferentes Práticas de Tradução, Ética, Tradução e Mercado e Tecnologias de Apoio à Tradução que serviram de base. De uma forma mais simples, as práticas contribuíram para o ato de traduzir, a ética permitiu-me compreender como funciona o mundo de tradução assim como o seu mercado, principalmente em Portugal, e as tecnologias introduziram-me ao mundo das ferramentas TAC (memoQ), embora tenha aprofundado os meus conhecimentos em contexto de estágio.

Na prática, só realizei uma tradução com um conteúdo mais técnico, e como ainda era uma tradutora em formação, tive dificuldades durante o processo de tradução. Neste caso as dificuldades relacionavam-se com o nível dos meus conhecimentos, estava em falta o meu conhecimento técnico, que se adquire ao longo do tempo. O processo que eu esperava realizar nesta tradução seria semelhante ao processo de Budin (2010), ou seja, analisar os termos que estavam no texto de partida, compará-los e depois passar diretamente para a produção, no entanto, não aconteceu assim, porque eu não conhecia alguns dos termos e os seus respetivos significados.

Como Cabré (2010) especificou, a minha dificuldade foi tentar compreender o significado dos termos, para saber se havia um termo equivalente na língua de chegada ou se a alternativa encontrada era a mais semelhante. Quando tinha este tipo de dúvida,

sempre tentei encontrar um artigo sobre esse assunto para estar mais segura das minhas escolhas. Quanto às revisões técnicas, nunca alterei os termos escolhidos pelo tradutor, porque como tal era feito por um profissional, só me concentrava nas estruturas das frases e se os elementos do texto de partida (números, sinais de pontuação, entre outros) estavam no texto de chegada.

Quanto à criatividade, posso confirmar que ela existe, com base na minha experiência, porque, como afirma Pereira (2015), a criatividade na tradução técnica está associada a categorias lexicais e estilísticas, ou seja, para além de saber escolher os termos corretos e aplicá-los no texto, precisava saber como transmitir a informação contida no texto. O texto da tradução que fiz era muito objetivo e direto, por isso, a sua tradução deveria transmitir a mesma ideia. O que tentei fazer foi transmitir a informação da forma mais clara e eficaz possível, com os termos adequados, para que se tornasse uma tradução fiel ao texto original e que fosse direta.

A competência de um tradutor técnico demonstra muito a seu respeito, especialmente o básico, que é ser capaz de traduzir documentação técnica. Além da tradução, é importante saber como resolver problemas que vão surgindo durante o processo, algo que aconteceu comigo não só durante a tradução técnica, mas também durante as outras traduções que realizei durante o estágio. Um bom tradutor técnico necessita de ter todos os requisitos que descrevi nos pontos anteriormente referidos, ou seja, mais do que dominar línguas, o que também é muito importante, é necessário ter conhecimentos culturais, ter conhecimentos de áreas especializadas, saber redigir, utilizar ferramentas de tradução e informação, entre outras.

Posso, portanto, confirmar que os fatores que promovem o êxito da tradução técnica confirmam-se porque, da minha parte, enquanto estava a traduzir havia sempre dúvidas, na sua maioria relacionadas com termos. Contudo, algumas destas dúvidas não

foram resolvidas porque eu não conhecia a área, e as que não foram resolvidas foram transmitidas ao revisor, que neste caso era o gestor dos projetos. Aparte isso, os tradutores que tenham todas estas competências irão certamente entregar boas traduções.

Como ainda não sou uma tradutora especializada em tradução técnica (embora esta seja uma área do meu interesse), posso sempre continuar a minha formação ao longo do meu percurso. A formação que recebi durante o meu mestrado foi extremamente importante, uma vez que serviu não só como base para o meu estágio, mas também para o seu sucesso, uma vez que pude aplicar parte de tudo o que aprendi no estágio.

Como mencionei anteriormente, durante o estágio desempenhei várias tarefas, nomeadamente a tradução, revisão, formatação e transcrição. A revisão foi uma das tarefas em que não esperava evoluir tanto, porque no início não me senti suficientemente confiante para corrigir um texto que tinha sido traduzido por um profissional. Mas ao rever as traduções percebi que não se tratava apenas de corrigir a tradução em si, mas de prestar atenção a aspetos simples que tendem a passar despercebidos ao tradutor.

A formatação foi a tarefa que mais desempenhei, embora só tenha feito um exercício de formatação durante a minha formação, consegui evoluir bastante no estágio. Algo que aprendi tanto no mestrado como no estágio é que muitas vezes é o tradutor que prepara o documento a ser traduzido, por isso, é fundamental ter boas práticas na utilização de ferramentas como Word.

As ferramentas de tradução assistida, mais especificamente o memoQ, também desempenharam um papel fundamental. Posso dizer que este estágio permitiu-me aperfeiçoar melhor as minhas competências no manuseamento desta ferramenta pelo facto de eu ter de a usar quase todos os dias, se não todos os dias, para fazer revisões ou traduções.

A transcrição foi uma tarefa que me surpreendeu positivamente, sempre tinha ouvido a esse respeito, mas nunca a tinha realizado antes, nem mesmo durante a minha formação, porque não havia nenhuma disciplina específica nesta área, no entanto, faz parte das várias áreas em que um tradutor pode trabalhar. Para uma tarefa que parecia tão simples, acabou por ser mais trabalhosa do que eu esperava, pois existem vários fatores que podem condicionar uma boa transcrição. Posso dizer que a transcrição despertou um pouco de interesse em mim.

A parte que menos apreciei do estágio foi de não ter realizado tantas traduções quanto esperava. Embora tenha feito algumas, esperava ter traduzido mais vezes, mas acredito que essa também não tenha sido a intenção da empresa, uma vez que depende da procura do cliente. A minha expectativa inicial era trabalhar maioritariamente em traduções, ou seja, traduzir vários textos das mais diversas áreas. Das traduções que fiz, maioritariamente generalistas, tive mais dificuldades com as que tinham linguagem mais especializada, ou seja, as que tinham terminologia específica.

Outro ponto negativo, é de não ter tido a oportunidade de estagiar presencialmente na empresa, de não ter usufruído mais do ambiente de escritório, mas sim em regime de teletrabalho, uma vez que o mesmo não poderia ser feito pessoalmente devido ao confinamento, causado pela COVID-19. Uma das tarefas que certamente realizaria se o estágio fosse pessoalmente seria ir a um notário para certificar uma tradução, uma vez que a tradução jurídica é uma das áreas mais requisitadas no mercado português.

Mesmo tendo tarefas para realizar, prazos para cumprir, acredito que o regime de teletrabalho acabou por limitar o estágio em relação à tipologia, tornando a minha rotina diária um pouco monótona.

O balanço final que faço é positivo, pois acredito que este estágio foi e será uma mais-valia importante a nível profissional, uma vez que adquiri conhecimentos,

capacidades em ferramentas de apoio à tradução e experiências. Estou satisfeita que a Certas Palavras, Lda. tenha sido a empresa que me permitiu ter o primeiro contacto com o mundo da tradução, foram sempre muito prestáveis.

## Conclusão

O principal propósito deste relatório foi abordar o tema proposto, ligando a parte teórica à parte prática, descrevendo o tipo de tarefas que foram realizadas, os conhecimentos e experiências que foram adquiridos durante o estágio curricular na empresa Certas Palavras, Lda. A experiência que adquiri ao praticar tradução e revisão numa das ferramentas CAT mais conhecidas, nomeadamente o memoQ, ao preparar documentos para tradução, à importância de cumprir prazos e acima de tudo entregar uma tradução de qualidade que satisfaça todos os requisitos do cliente, será essencial para mim, uma tradutora em início de carreira que pretende tornar-se uma tradutora profissional.

Antes do estágio os meus conhecimentos sobre a tradução técnica eram escassos, e o meu primeiro contacto com este tipo de tradução fez-me perceber que este tipo de tradução abrange várias vertentes técnicas. Existe o pensamento de que apenas tradutores especializados em áreas específicas podem efetuar este tipo de tradução e, como visto anteriormente, de facto é importante que o tradutor tenha um conhecimento geral ou especializado do assunto em questão, em comparação com não saber nada. Como por exemplo, durante o meu estágio, quando me deparei com termos que não conhecia, quer durante uma revisão quer durante uma tradução, utilizei sempre dicionários, memórias de tradução da empresa, bases de dados e fontes fidedignas, tudo isto para não correr o risco de traduzir erradamente um termo.

Existem muitos problemas que vão além do ser ou não especialista numa área específica, por exemplo, à medida que o sector técnico se desenvolve e novos termos estão constantemente a surgir, um dos principais problemas na tradução técnica é encontrar os termos equivalentes aos que foram criados recentemente.

As tecnologias também se mostraram ser fundamentais para o tradutor, como é o caso das ferramentas TAC. O texto técnico é considerado informativo relativamente ao assunto, ou seja, composto principalmente por factos, logo tendem a ser repetitivos. A tecnologia veio auxiliar o trabalho do tradutor nestes casos com as memórias de tradução, sistemas de gestão terminológicas, entre outros.

A controvérsia de que não existe criatividade na tradução técnica, de ela ser aplicável apenas na tradução literária ou de que é uma característica exclusiva dos autores de textos de partida caiu por terra. A principal função da tradução técnica é transmitir a informação de forma clara e eficaz possível, e para que isso aconteça o tradutor precisa de ter competências linguísticas para poder transmitir o conteúdo técnico de uma língua para a outra, ou seja, precisa ser criativo.

## Referências bibliográficas

- Aguado, G., & Álvarez de Mon y Rego , I. (2004). Cultural Aspects in the Translation of Texts in the Domain of Information Technologies. In A. Rogers, & M. Rogers, *Proceedings of the 14th European Symposium on Language for Special Purposes*. Surrey: University of Surrey. Obtido de [https://oa.upm.es/6509/1/Cultural\\_aspects\\_in\\_the\\_translation\\_.pdf](https://oa.upm.es/6509/1/Cultural_aspects_in_the_translation_.pdf)
- Aixelá, J. (2004). The Study of Technical and Scientific Translation: An Examination of its Historical Development. *The Journal of Specialised Translation*, 29-46. Obtido de [https://www.jostrans.org/issue01/art\\_aixela.pdf](https://www.jostrans.org/issue01/art_aixela.pdf)
- Alaoui, A. (2015). Knowledge Transfer and the Translation of Technical Texts. *World Academy of Science, Engineering and Technology. International Journal of Humanities and Social Sciences*, 9(10), pp. 3380-3386. Obtido de <https://publications.waset.org/10002524/knowledge-transfer-and-the-translation-of-technical-texts>
- Aranda, L. Forms of creativity in translation. *Cadernos de tradução*. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2009v1n23p23>. Vol. 1 nº. 23 (2009). pp. 23-37.
- Bernes, P. (s.d.). *Terminology for Beginners* [PDF]. Obtido de <http://inmyownterms.com/imot-e-book/>
- Bowker, L. (2002). *Computer-aided translation technology: A practical introduction*. Canada: University of Ottawa Press. Obtido de <https://pt.pt1lib.org/book/16577947/345c2c>
- Bowker, L., Fisher, D. (2010). Computer-aided translation. In Y. Gambier, & L. v. Doorslaer, *Handbook of translation studies* (Vol. 1, pp. 61-65). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing.

- Bowker, L., & Pearson, J. (2002). *Working with Specialized Language*. London: Routledge.
- Byrne, J. (2006). *Technical Translation Usability Strategies for Translating Technical Documentation*. Dordrecht, Netherlands: Springer. DOI:10.1007/1-4020-4653-7
- Byrne, J. (2009). The coming of age of technical translation: an introduction. *The Journal of Specialised Translation*, 2-5. Obtido de [https://www.jostrans.org/issue11/art\\_introduction.pdf](https://www.jostrans.org/issue11/art_introduction.pdf)
- Byrne, J. (2010). Are Technical Translators Writing Themselves Out of Existence. *The Translator as Writer*, 14-27. Obtido de [https://www.jodybyrne.com/content/wp-content/uploads/2012/03/Byrne\\_portsmouth\\_keynote-2009.pdf](https://www.jodybyrne.com/content/wp-content/uploads/2012/03/Byrne_portsmouth_keynote-2009.pdf)
- Byrne, J. (2012). *Scientific and technical translation explained: a nuts and bolts guide for beginners*. London: Routledge.
- Cabré, T. (2010). Terminology and translation. IN Y. Gambier, & L. v. Doorslaer, *Handbook of Translation Studies* (Vol. 1, pp. 356-372). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing.
- Calhanas, B. (2016). *A Informática para a Tradução: As Competências Tecnológicas do Tradutor no Contexto do Mercado Português* (Dissertação de Mestrado Lisboa: Universidade Nova de Lisboa).
- Desblache, L. (2006). Technical Translation. In K. Brown, *Encyclopedia of Language & Linguistics* (2 ed., Vols. 1-14). Amsterdam: Elsevier Science.
- Deslile, J., & Woodsworth, J. (2012). *Translators through History*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins Publishing.
- Dias, F. (2001). *A Formação do Tradutor em Portugal* (unpublished dissertation for Translator's Certificate). Tarragona: University of Tarragona. Obtido de <https://silo.tips/download/2001-a-formacao-em-traduao-em-portugal>

- Durão, M. (2007). *Tradução Científica e Técnica: proposta para a formação de tradutores pluricompetentes especializados na produção de documentação científica e técnica do inglês para o português*. Lisboa: Universidade Aberta. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.2/776>
- Eurologos. (2021). *Quem somos?* Obtido de Eurologos Portugal: <https://eurologos.pt/#quem>
- Ferreira Alves, F. (2012). *Perceptions du métier, identité professionnelle et relations interpersonnelles : une étude sur les traducteurs du Nord du Portugal*, pp. 1-13. OpenEdition Journals. Obtido de <https://journals.openedition.org/ilcea/1119>
- Gouadec, D. (2007). *Translation as a profession*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing.
- Hatim, B., & Mason, I. (1997). *The Translator as Communicator*. London/New York: Routledge.
- Holmes, J. S. (1972/ 2000). “The Name and Nature of Translation Studies.” In Venuti, L. (ed.) *The Translation Studies Reader*. (pp.172–185). London: Routledge
- House, J. (2010). Overt and covert translation. In Y. Gambier, & L. v. Doorslaer, *Handbook of Translation Studies* (Vol. 1, pp. 245-246). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing.
- Ibatova, A. Z. (2019). Technical translation teaching of engineering students. *Amazonia Investiga*, 8(18), 288-295. Obtido de <https://core.ac.uk/download/pdf/328004794.pdf>
- ISO. (2015). ISO 17100:2015 Translation Services - Requirements for translation services. *BSI Standards Publication*. Obtido de <https://www.iso.org/standard/59149.html>

- Kelly, D., & Martin, A. (1998). Training and education. Em M. Baker, & G. Saldanha, *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London /New York: Routledge.
- Kingscott, G. (2002). Technical translation and related disciplines, *Perspectives: Studies in Translatology*, 10(4), pp. 247-253.
- Koller, W. (2004). *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. Berlin: Quelle + Meyer.
- Kussmaul, P. (1995). *Training the translator: Creativity in translation* (Vol. 10). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing.
- Lima, C. (2010). *Manual de Teoria da Tradução*. Lisboa: Edições Colibri.
- Magalhães, F. (2007). Tradução Técnica e Criatividade. *Babilónia. Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução*, (5), 75-83. Obtido de [https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/2014/1/Francisco\\_Jose\\_Magalhaes.pdf](https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/2014/1/Francisco_Jose_Magalhaes.pdf)
- Maia, B. (2003). Ensinar como especializar-se. *Proceedings of V Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa* (pp. 1-6). Lisboa: União Latina / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Markel, M. (2015). *Technical Communication*. Boston/New York: Bedford/St. Martin's.
- memoQ. (2022). *The Early Stages*. Obtido de memoQ: <https://www.memoq.com/memoq-story>
- memoQ. (s.d.). *memoqdocs*. Obtido de memoQ: <https://docs.memoq.com/current/en/Things/things-match-rates-from-translation-m.html>
- Montgomery, S. L. (2002). *Science in Translation: Movements of knowledge through cultures and time*. Chicago: University of Chicago Press.

- Muhiesen, E. M., & Al-Ajrami, M. S. (2019). Challenges in Translating Technical Texts. *Dirasat*, 46(1), 322. Obtido de [https://journals.ju.edu.jo/DirasatHum/article/viewFile/103454/10697?target=\\_blank](https://journals.ju.edu.jo/DirasatHum/article/viewFile/103454/10697?target=_blank)
- Newmark, P. (1988). *A textbook of translation*. New York London: Prentice-Hall International.
- Nida, E. A. (1964). *Toward a science of translating, Bible translating*. Netherlands: E. J. Brill.
- Nord, C. (2006). Loyalty and fidelity in specialized translation. *Confluências - Revista de tradução científica e técnica*, 131. pp 29-40
- Nord, C. (1997). *Translating as a purposeful activity: functionalist approaches explained*. London and New York: Routledge.
- O'Sullivan, C. (2013). Creativity. Em Y. Gambier, & L. v. Doorslaer, *Handbook of Translation Studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing.
- O'Hagan, M. (2011) Computer-aided Translation (CAT). Em M. Baker, & G. Saldanha, *Routledge encyclopedia of translation studies* (pp. 48-51). London: Routledge.
- Olohan, M. (2021). Translating technical text. Em K. Malmkjær, *The cambridge handbook of translation* (pp. 1-10). Cambridge: Cambridge University Press.
- Olohan, M. (2011). Scientific and technical translation. Em M. Baker, & G. Saldanha, *Routledge encyclopedia of translation studies* (pp. 246-249). London: Routledge.
- Pereira, S. (2015). *As dificuldades da tradução técnica* (Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa).

- Polchlopek, S., Aio, M., & Almeida, H. (2009). Tradução técnica: Das armadilhas às responsabilidades do tradutor. *In- Traduções: revista do programa de pós-graduação em estudos da tradução*, 37, 26-39.
- Postan, L. (2020, 15 de janeiro). *Literary Vs. Technical Translations*. [web log post]  
Obtido de Blend: <https://www.getblend.com/blog/literary-vs-technical-translations/>
- Postolea, S. (2016). Translating in a specialised context: challenges and risks. In *Buletinul Institutului Politehnic din Iasi* (Vol. LXII, pp. 51-58). Romania: Politehnum.
- Rothe-Neves, R. (2007). Notes on the concept of «translator's competence». *Quaderns: Revista de traducció* (14), pp. 125-138. Obtido de <http://www3.uji.es/~aferna/EA0921/3a-The-concept-of-translators-competence.pdf>
- Santos, B. (2022). *A Utilização de Memórias de Tradução na Tradução de Textos Técnicos* (Relatório de estágio, Lisboa: Universidade de Lisboa)
- Santos, M. P. (2006). O papel da criatividade na tradução de textos não literários. *Babilónia: Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução*, 131-137. Obtido de <https://core.ac.uk/download/pdf/48576639.pdf>
- Schäffner, C. (2011). Functionalist approaches. In M. Baker, & G. Saldanha, *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge.
- Schubert, K. (2010). Technical translation. In Y. G. Doorslaer, *Handbook of Translation Studies. Volume 1* (pp. 350-355). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Slack. (2022). *Central de Ajuda do Slack*. Obtido de Slack: <https://slack.com/intl/pt-br/help/articles/115004071768-O-que-%C3%A9-o-Slack->

- Valdez, S. (2019). *Perceived and observed translational norms in biomedical translation in the contemporary Portuguese translation market: a quantitative and qualitative product- and process-oriented study*. (Tese de Doutoramento Universidade de Lisboa and Universiteit Gent)
- Venuti, L. (1995). *The Translator's Invisibility*. London and New York: Routledge.
- Wright, S. E. (1993). The Inappropriateness of the Merely Correct: Stylistic Considerations in Scientific and Technical Translation. Em S. E. Wright, & J. Leland D. Wright, *Scientific and technical translation* (pp. 69-89). Obtido de [https://www.academia.edu/22766506/Scientific\\_and\\_Technical%20Translation](https://www.academia.edu/22766506/Scientific_and_Technical%20Translation)
- Zethsen, K. (1999). The dogmas of technical translation - are they still valid. *Hermes - journal of language and communication in business*, 23, 65-75. Obtido de [https://pure.au.dk/portal/files/9952/H23\\_05.pdf%20\(8](https://pure.au.dk/portal/files/9952/H23_05.pdf%20(8)

## **Apêndices**

# SARA SOARES

[XXXXXXXXXXXXX]  
[XXXXXXXXXXXXX]  
[XXXXXXXXXX] | [LinkedIn](#)

Por ter nascido e crescido numa ilha turística sempre tive curiosidade em aprender novas línguas. Neste momento, encontro-me inscrita no Mestrado em Tradução no Instituto Politécnico de Bragança. Sou otimista, motivada e estou sempre disposta a aprender algo novo.

## EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

MARÇO DE 2019 – MAIO DE 2019

**ESTAGIÁRIA**, INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

Consistiu no atendimento aos alunos Erasmus (*Incoming*), organizar e arquivar os *Learning Agreements*, preparação da Semana Erasmus: elaboração de livros de resumo dos seminários e fichas de presença, interpretação consecutiva durante a semana gastronómica, entre outras tarefas.

## FORMAÇÃO ACADÉMICA

2016 – 2019

**LICENCIATURA EM LÍNGUAS PARA RELAÇÕES INTERNACIONAIS**,

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

2019 – PRESENTE

**MESTRADO EM TRADUÇÃO**,

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

**Alguns projetos:**

- A Brincar e a Rir o Bullying Vamos Prevenir - Tradução de Português para Espanhol
- WDixital - Tradução do site de Espanhol para Português

## HABILIDADES

- Legendagem
- Audiodescrição
- Tradução de textos generalistas
- Tradução de textos técnicos
- Revisão

## IDIOMAS

- Português
- Inglês
- Espanhol

## SOFTWARES COM OS QUAIS TRABALHO

- memoQ
- CatsCradle
- Lingobit
- Subtitle Workshop

**Sara  
Soares**

[XXXXXXXXXX]  
[XXXXXXXXXX]  
[XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX]

---

**Para:** Sr. Carvalho Carlos  
BabelCV | Fazenda, Rua Patote RC (Próximo de Enacol Nuno Duarte) Praia, Santiago, Praia,  
Cabo Verde

---

Lisboa, 08/07/2021

**Assunto:** Vaga de tradutor

Exmo. Sr. Carlos Carvalho,

Tendo tido conhecimento das vossas vagas para tradutores, venho por meio desta carta, apresentar a minha candidatura ao cargo de tradutor na empresa BabelCV. Creio ter as competências que procura para desempenhar este papel.

Sou licenciada em Línguas para Relações Internacionais, pelo Instituto Politécnico de Bragança, onde tive a oportunidade de estagiar no Gabinete de Relações Externas do mesmo, lidando diariamente com estudantes Erasmus. Neste momento, encontro-me a estagiar na Eurologos-Lisboa para concluir o Mestrado em Tradução, em que o meu trabalho consiste na tradução, formatação e revisão de textos.

Com esta experiência tenho posto em prática o que aprendi ao longo deste mestrado, bem como ser responsável, saber trabalhar em equipas, trabalhar com software de tradução e acima de tudo cumprir os prazos estabelecidos pelos clientes. As minhas línguas de trabalho são Inglês e Português Europeu.

É do meu interesse trabalhar na BabelCV, e com seriedade e empenho, prometo contribuir com as minhas competências para a sua empresa.

Com os melhores cumprimentos,  
Sara Soares

*Apêndice 2 - Carta de apresentação fictícia da estagiária*

Sara Soares

[XXXXXXXXXX]

[XXXXXXXXXX]

[XXXXXXXXXX]

[XXXXXXXXXX]

## Projeto: Lançamento da TICV

**Cliente:** Binter CV

**Contacto:** Maria dos Santos  
msantos@ticv.com.cv  
(+238) 436 00 60  
Achada Grande Frente,  
Praia, Cabo Verde

**Prazo de entrega:** 2 dias úteis após a confirmação do cliente.

**Língua de origem:** Inglês

**Língua de destino:** Português

**Tipo de Serviço:** Tradução de texto generalista

**Formato do documento:** Word

**N.º total de palavras:** 2475

**Preço por palavra:** 0,06 €

**Método de pagamento:** Paypal, MBway

**Total: 148,5€**

*Apêndice 3 - Orçamento fictício da estagiária*

## Condições de venda

- O custo da tradução deve ser calculado de acordo com o número de palavras na língua de partida.
- O serviço é prestado por um profissional experiente, passando sempre por uma revisão, antes de ser entregue.
- As traduções serão feitas de acordo com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.
- Os documentos devem ser sempre entregues em formato Word. Se o cliente enviar num formato que não seja Word, estará sujeito a uma taxa adicional, uma vez que é necessário extrair a informação e preparar o documento para traduzir.
- Este orçamento é válido apenas para os serviços que nele se encontram mencionados, estando os mesmo sujeitos às condições de vendas.
- A tradução é considerada definitivamente aceite 5 dias úteis após a data da sua entrega. Se o cliente tiver alguma reclamação, esta deverá ser feita por escrito e entregue 5 dias após a data de entrega.

*Apêndice 4 - Condições de venda da estagiária*